



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

**ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE**



**ANA GABRIELLA FONTOURA LEITE**

**IDENTIDADES ÉTNICAS E IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE  
ITIRUÇUENSES E ITALIANOS**

**JEQUIÉ-BA  
2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE**

**ANA GABRIELLA FONTOURA LEITE**

**IDENTIDADES ÉTNICAS E IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE  
ITIRUÇUENSES E ITALIANOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Orientadora: Profa. PhD. Ma. de Fátima A. Di Gregorio.

JEQUIÉ-BA  
2025

L533i Leite, Ana Gabriella Fontoura.

Identidades étnicas e implicações nas relações sociais entre itiruçuenses e italianos / Ana Gabriella Fontoura Leite.- Jequié, 2025.  
109p.

(Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação da Profa. PhD. Ma. de Fátima A. Di Gregorio.)

1.Imigrantes 2.Identidade étnica 3.Alterização I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 305.809



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade -  
UESB/RTR/PROPPI/PPGREC

**ANA GABRIELLA FONTOURA LEITE**

**IDENTIDADES ÉTNICAS: IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE  
ITIRUÇUENSES E ITALIANOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Linha de Pesquisa 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovada em: 14 de março de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. PhD Maria de Fátima Araújo Di Gregório (UNEB)  
Presidente da Banca/Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josemare Pereira dos Santos Pinheiro (UNEB)  
Examinadora Externa

Prof<sup>o</sup>. Dr. Valter Luiz dos Santos Marcelo (UESB)  
Examinador Interno

**JEQUIÉ  
2025**



Documento assinado eletronicamente por **Maria De Fatima Araujo Di Gregorio , Professor**, em 11/06/2025, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#) .



Documento assinado eletronicamente por **Josemare Pereira Dos Santos Pinheiro , Professor**, em 12/06/2025, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#) .



Documento assinado eletronicamente por **Valter Luiz Dos Santos Marcelo , Professor Adjunto**, em 12/06/2025, às 12:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#) .



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **00115859464** e o código CRC **EF2E5016**.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as pessoas que participaram desta investigação e, em especial, a minha família que sempre me incentivou!

### Agradecimentos Especiais

Muitas são as razões para agradecer, sobretudo pela caminhada que tenho realizado, por esta razão, sou grata à Deus por percebê-lo em cada detalhe da minha vida, me conduzindo neste desafio, com força, graça e resiliência.

À minha família e ao meu companheiro, por sempre me incentivarem, darem apoio e carinho. Sem a força e o amparo de vocês, nada seria possível.

Aos meus avôs que não estão mais presentes fisicamente, todavia, foi através das suas trajetórias que me encorajaram a realizar este trabalho.

À minha orientadora, professora orientadora PhD Maria Fátima Di Gregorio com quem compartilhei dessa jornada com muito aprendizado e superação, agradeço pela confiança, ajuda e paciência.

As amigadas que construí neste programa pelas trocas e por tornarem o meu caminhar mais leve.

Aos participantes da pesquisa pelo carinho com que me receberam, dedicando tempo e a disposição no intuito de colaborar com este trabalho.

Aos membros da banca: Dra. Josemare Pereira dos Santos Pinheiro e Dr. Valter Luiz dos Santos Marcelo por aceitarem fazer parte desse desafio desta banca examinadora e pelas ricas contribuições para este texto escrito por uma pesquisadora iniciante e um tanto medrosa neste universo das palavras.

Ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) na pessoa de todos os professores e funcionários, por proporcionarem com excelência, momentos de aprendizado e formação acadêmica trazendo experiências ricas para minha vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001-Portaria CAPES 206/2018.

Leite, Ana Gabriella Fontoura. Dissertação de Mestrado: *alterizações e Identida étnicas: Implicações nas relações sociais entre itiruçuenses e italianos*. Programa Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC). Jequié-2025.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo analisar como se dão os processos de alterizações e construção de identidades nas relações sociais dos grupos étnicos: itiruçuenses e italianos após a inserção e alocamento dos imigrantes no município de Itiruçu na Bahia entre 1950 até os dias atuais, buscando compreender como se relacionaram, se organizaram e viveram no processo de interação étnica. Recorre à abordagem social, qualitativa e documental e como metodologia a História Oral de Vida que segundo Alberti (2004) permite reconstruir discursos cotidianos que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte. Foi através da experiência de escutar acontecimentos do cotidiano vivido entre os grupos, pelos relatos das histórias de vida de moradores e antigos imigrantes que surgiu a compreensão de como se deu o processo de alterização entre os grupos. A interação e o acolhimento atrelado ao conceito da identidade étnica, por intermédio da valorização e respeito a diversidade cultural, possibilitou a construção de uma coexistência pacífica e inclusiva.

Palavras-chave: imigrantes; identidade étnica; alterização.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze how the processes of alteration and construction of identities occur in the social relations of ethnic groups: itiruçuenses and italians after the insertion and allocation of immigrants in the municipality of Itiruçu in Bahia between 1950 to the present day, seeking to understand how they related, organized themselves and lived in the process of ethnic interaction. It uses a social, qualitative and documentary approach and as a methodology the Oral History of Life that according to Alberti (2004) allows the reconstruction of everyday discourses that are generally not recorded in other types of sources. It was through the experience of listening to events of the daily life lived among the groups, through the accounts of the life stories of residents and former immigrants that the understanding of how the process of alteration between the groups occurred emerged. The interaction and acceptance linked to the concept of ethnic identity, through the appreciation and respect for cultural diversity, made it possible to build a peaceful and inclusive coexistence.

Keywords: immigrants; ethnic identity; alteration.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desfile de italianos e brasileiros na chegada à Bahia em maio de 1950...	18
Figura 2 – Família Italiana na década de 50 .....	23
Figura 3 – Mapa da Baía .....	26
Figura 4 – Morro Grande.....	28
Figura 5 – Festa de San Gabrielle (década de 80) .....	29
Figura 6 – Navio dos imigrantes (novembro, 1950) .....	34
Figura 7 – Primeiros imigrantes em 1950 .....	35
Figura 8 – Chegada das famílias em novembro de 1950 .....	37
Figura 9 – Imigrantes no manejo da agricultura (década de 50).....	39
Figura 10 – Família de imigrantes (década de 50) .....	42
Figura 11 – Baile dos imigrantes (década de 50) .....	44
Figura 12 – Itiruçu-BA.....	64
Quadro 1 – Perfil dos Narradores Colaboradores da Pesquisa – Itiruçuenses.....	69
Quadro 2 – Perfil dos Narradores Colaboradores da Pesquisa – Italianos.....	71
Quadro 3 – Pergunta 1 .....	733
Quadro 4 – Pergunta 1 .....	766
Quadro 5 – Pergunta 2.....	788
Quadro 6 – Pergunta 2.....	79
Quadro 7 – Pergunta 3.....	81
Quadro 8 – Pergunta 3.....	83

Quadro 9 – Pergunta 4.....	84
Quadro 10 – Pergunta 4.....	86
Quadro 11 – Pergunta 5.....	88
Quadro 12 – Pergunta 5.....	90
Quadro 13 – Pergunta 6.....	92
Quadro 14 – Pergunta 6.....	94
Quadro 15 – Pergunta 7.....	95
Quadro 16 – Pergunta 7.....	96

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
2.1 O FENÔMENO IMIGRATÓRIO: ETNICIDADE, IDENTIDADE E FRONTEIRAS.....	17
2.2 ITIRUÇU-BA – A SEDE DA IMIGRAÇÃO.....	25
2.3 A MIGRAÇÃO NA BAHIA.....	30
2.4 A IMIGRAÇÃO EM ITIRUÇU-BA: EIS QUE CHEGAM OS ITALIANOS .....	31
2.5 O COMEÇO DA INTERAÇÃO SOCIAL.....	38
2.6 A IDENTIDADE ÉTNICA NAS RELAÇÕES SOCIAIS .....	41
2.7 ALTERIDADE NAS RELAÇÕES ÉTNICAS.....	55
<b>3. MARCO METODOLÓGICO .....</b>	<b>59</b>
3.1 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	59
3.2 A METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	59
3.3 ÁREA DE ESTUDO .....	63
3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	64
3.5 INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....	65
<b>4. MARCO ANALÍTICO .....</b>	<b>69</b>
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	69
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>110</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Durante e após o conflito da Segunda Grande Guerra, o Brasil, em busca de reestruturação e desenvolvimento, abriu suas portas a imigrantes de diversas nacionalidades, entre eles os italianos que fugiam da devastação da guerra e da instabilidade política em seu país. Itiruçu, no estado da Bahia, que até aquele momento era uma localidade predominantemente rural, começou a receber famílias que traziam consigo a esperança de reconstruir suas vidas e contribuir para a prosperidade do novo lar.

Ao longo das décadas, a comunidade italiana se entrelaçou com a cultura local, criando uma tapeçaria social que refletia tanto as tradições da terra natal quanto as influências do novo lar. Inicialmente as motivações que levaram os italianos a escolher a Bahia como destino foram ofertas de terras que seriam pagas com trabalho, a possibilidade de recuperar patrimônios perdidos com desafios enfrentados durante o processo de deslocamento, alocamento e adaptação ao novo estilo de vida. Revelando a complexidade e a importância desse fenômeno migratório na região no município de Itiruçu, onde a tradição e a modernidade se atravessam.

O tema escolhido é amparado pelo pertencimento da pesquisadora ao contexto, nascendo neste município e lidando com esses dois grupos, surgindo o interesse pelo tema da pesquisa. Então, sendo neta de dois avôs que trabalharam conjuntamente com o grupo de imigrantes e vivenciando desde os primeiros anos de vida a interconexão entre esses grupos, interagindo com suas culturas e diversidade, o despertar pelo grupo foi natural, ao perceber a relevância a pesquisa por se tratar das relações étnicas, culturas, trajetórias e, sobretudo, dos enfrentamentos entre brasileiros e outros grupos no local que acabam delimitando fronteiras.

Notadamente, os italianos contribuíram para o desenvolvimento econômico da região, considerando a investidura na agricultura, já que introduziram novas técnicas de cultivo e manejo da terra, mostrando-se extremamente eficazes nas técnicas de plantio e comercialização. A produção de hortifrutigranjeiros ganhou impulso na região com a adoção de métodos mais eficientes de plantio e colheita, aumentando a produtividade e diversificando a economia local. Os italianos também se dedicaram ao cultivo de produtos como o café e tomate, sendo fundamental para o incremento

de terras na região, contribuindo para o aumento da produção e o fortalecimento do comércio com cidades circunvizinhas e a própria capital.

A união da cultura italiana com a baiana resultou em uma rica relação de intercâmbio sociocultural que se reflete até hoje na culinária e nas festividades locais até os dias atuais, revelando sua importância tanto para pensar a construção de identidades e de uma sociedade plural, onde diferentes culturas se entrelaçam e se fortalecem mutuamente.

O trabalho traz à tona uma narrativa de superação, resiliência e interculturalidade, que enriqueceu a vida local e deixou um legado duradouro para as futuras gerações e que como diz Ecléa Bosi (1979) em sua obra "Memória e Sociedade", a importância das narrações e da escrita como um meio de preservar a memória e evitar o esquecimento, já que a escrita não apenas documenta experiências e vivências, mas permite que as pessoas reflitam sobre seu passado, dando sentido às suas histórias pessoais e coletivas. A memória, segundo Bosi (2003), é um elemento fundamental para a construção da identidade e para a compreensão do presente e ao escrever, as pessoas conseguem reconstituir memórias que, de outra forma, poderiam se perder com o tempo. Essa prática não só ajuda a manter vivas as lembranças, como também contribui para a formação de uma narrativa que conecta o indivíduo à sua cultura e à sua história. Destarte, a relação entre escrever e lembrar é vista como um ato de resistência contra o esquecimento, permitindo que as experiências e os ensinamentos do passado sejam transmitidos às futuras gerações. Isso é especialmente relevante em contextos onde a memória coletiva pode ser ameaçada, como em períodos de opressão ou mudança social.

Durante a pesquisa, houve uma busca em arquivos pessoais e entrevistas com imigrantes e brasileiros que vivenciaram a trajetória. Além de investigar os aspectos culturais, a pesquisadora também se debruçou sobre as narrações de italianos e itiruçuenses e as dificuldades enfrentadas no percurso de se estabelecerem em uma nova terra, bem como o lado contrário de acolhida dos imigrantes, apresentando relatos emocionantes de superação, resiliência e a luta por reconhecimento em meio a um contexto de mudanças sociais e econômicas. Através dessa pesquisa e da própria metodologia escolhida, não apenas para documentar a história, mas para dar voz a essas pessoas que narram o vivido, cujas histórias muitas vezes podem permanecer esquecidas.

Esta investigação não se limita a uma simples investigação acadêmica; ela almeja provocar reflexões sobre a importância das relações interétnicas, onde italianos e itiruçuenses revelam a complexidade e a riqueza de uma identidade ambígua em constante construção. Mas, o que eles incorporaram da nossa cultura e o que nós aprendemos com eles? Assim, a paixão pela pesquisa foi sendo cada vez mais contagiante e o compromisso como forma de iluminar caminhos para novas pesquisas a serem realizadas, inspirando gerações a explorar as raízes e a valorizar a herança cultural que perpassa por suas identidades. A jornada é, sem dúvida, um testemunho da importância da pesquisa e da preservação da memória coletiva em um mundo em constante transformação.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo de estudo analisar os processos de alterizações e a construção de identidades de dois grupos étnicos: itiruçuenses e italianos que se relacionaram após a inserção e alocamento dos imigrantes no município de Itiruçu na Bahia, buscando compreender como se relacionaram, se organizaram e viveram nesse processo de interação. E como objetivos específicos: Verificar o fenômeno migratório no município de Itiruçu-BA; refletir sobre a identidade étnica nas relações sociais entre italianos e itiruçuenses; analisar os processos de interação entre famílias brasileiras e italianas, entendendo as fronteiras e identidades étnicas dos grupos.

Essa pesquisa utiliza da abordagem social e qualitativa e documental ao perceber que se faz necessário recorrer aos documentos, partindo do levantamento bibliográfico para a análise documental, como fontes escritas e orais. Seguidamente, pesquisas dos livros já publicados, jornais, fotografias e manuscritos que foram ponto de partida, dando subsídios e suporte para a escrita.

Como caminho metodológico, a História Oral de Vida por ser este método e técnica conhecido como possibilidade de trazer à tona história do tempo presente e uma história viva que utiliza da experiência pessoal acessada através da memória e lembranças dos indivíduos, dando espaço para a subjetividade, amparada por Bom Meihy (2005) e Alberti (2004), isso por ter como base a técnica de uma entrevista prolongada que apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo ou uma organização (Bom Meihy, 2005), preocupa-se com as experiências e interpretações dos participantes, permitindo reconstruir discursos cotidianos, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte (Alberti, 2004).

O local da pesquisa foi a comunidade de Itiruçu-Bahia, recorrendo à técnica de coletar histórias transmitidas por pessoas que lembram acontecidos de gerações trazendo elementos que transcendem ao tempo e aos espaços. Alberti (2004) mostra que a História Oral (HO) não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade de História Oral como um todo decorre de toda uma postura com relação à história narrada e às configurações socioculturais que privilegiam a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu (Alberti, 1990).

Recorrendo ao método e técnica da História Oral como caminho metodológico desta investigação, Thompson (1992) diz que ao trazer a história para dentro da comunidade, se extrai a história dentro da própria comunidade. O autor mostra que a História Oral tem se revelado útil na reconstituição de saberes, experiências vividas no cotidiano, auxiliando na compreensão de processos históricos. Reconstituir e não resgatar, pois segundo Bosi (2003) existem outras lembranças, independentes, que frequentemente entram em conflito com a memória-hábito. Bosi (2003) cita Bergson quando este fala da lembrança pura que traz um momento único da vida já que tem caráter evocativo, não repetitivo. Assim, como a matéria que tantas vezes origina o sonho e a poesia. É pela memória, que o passado não só vem ao presente, mas mistura-se com as percepções imediatas, trazendo, descolando lembranças, ocupando o espaço da consciência.

Ainda neste estudo há um viés pela abordagem hermenêutica que também está presente pela forma interpretativa, pois pelas narrações considera-se o protagonismo de quem está relatando suas vivências. Através da escuta de histórias de vida de moradores e antigos imigrantes permite a compreensão de como se dá o processo de interação e alterização nos quais esses grupos estão inseridos resultando na reflexão de como foram construídas suas identidades étnicas.

Utiliza-se nesta investigação, categorias como etnicidade e alterização para compreensão da formação da identidade em face da interação, interrelação e integração dos imigrantes e não imigrantes e de seus grupos. À luz dos autores sobre alteridade, etnicidade e identidade étnica como: Jodelet (1999); Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fernat (1998, 2011); Fredrik Barth (2000, 2011); Stuart Hall (2006, 2016). Além da teoria da identidade social que surgiu dos primeiros trabalhos de Henri

Tajfel (1979) que examinou a forma como os processos perceptivos resultaram em estereótipos sociais e preconceitos. Os estudos sobre imigração através de Regina Weber (2006, 2013), Giralda Seyferth (2005, 2011) e Família, Cynthia Sarti (2004a, 2004b), Eni Samara (1989), François de Singly (2003), João Carlos Petrini (2004) e Simone Beauvoir (2009).

Para a compreensão da temática das relações étnicas, faz-se necessário entender da relação indivíduo/sociedade, nesse sentido, enfatizamos os estudos sobre a identidade étnica. Trazendo aqui o pensamento de Poutignat e Sttreiff-Fenart (1998) quando o autor fala que a identidade étnica está ligada à crença na vida em comum étnica constrói-se a partir da diferença.

Dessa forma, consideramos que o diálogo intercultural entre italianos e itiruçuenses se refere à troca de ideias, experiências e valores entre pessoas de diferentes culturas. Essa prática não apenas enriqueceu as relações sociais, mas contribuiu para a diminuição de preconceitos e estereótipos, isso porque as pessoas têm a oportunidade de conhecer e entender as tradições, crenças e modos de vida de outros grupos, elas se tornam mais abertas e empáticas, criando um ambiente propício ao respeito e à convivência pacífica. E para tanto, a educação desempenha um papel crucial nesse processo, pois é nas escolas que valores de diversidade e inclusão podem ser cultivados desde cedo, apresentando um currículo que valorize a diversidade étnica não apenas informa os alunos sobre a riqueza cultural do mundo, mas os ensina a valorizar suas próprias identidades e as dos outros.

## 2. MARCO TEÓRICO

### 2.1 O FENÔMENO IMIGRATÓRIO: ETNICIDADE, IDENTIDADE E FRONTEIRAS

O fenômeno imigratório é um dos aspectos mais dinâmicos e complexos da sociedade contemporânea, que reflete não apenas a busca por melhores condições de vida, como a descoberta da identidade e pertencimento e suas nuances com as fronteiras. Isso porque na medida que as fronteiras físicas e simbólicas se transformam, migrantes de diversas etnias e culturas se reúnem em novos contextos sociais, desafiando as noções tradicionais de nacionalidade e identidade. Este movimento não é apenas um deslocamento geográfico, mas uma rica troca cultural que redefine o que significa ser parte de uma comunidade e neste contexto, o fenômeno imigratório nos convida a refletir sobre os desafios da integração e a riqueza que a diversidade cultural traz para as sociedades.

Ao explorarmos essas questões, percebemos a relevância do estudo imigratório para a compreensão de uma história cultural de uma localidade a partir da chegada desses grupos, sua instalação no novo território, suas estratégias de adaptação, a superação das dificuldades e o êxito final (Weber, 2006), podendo compreender melhor as transformações que moldam o mundo atual e reconhecer a importância de construir pontes em vez de muros, promovendo um diálogo que celebre a pluralidade e a convivência harmônica entre diferentes identidades.

Como dito anteriormente, a etnicidade se mostra como categoria fundamental neste texto, influenciando não apenas a forma como os imigrantes se veem, mas como são percebidos por sociedades anfitriãs. A intersecção entre etnicidade e identidade vem marcada por complexidades, onde a luta por reconhecimento e aceitação muitas vezes se encontram com a resistência cultural e os preconceitos existentes. E em meio a essa dinâmica, as fronteiras – sejam elas físicas, políticas ou sociais – tornam-se espaços de negociação e contestação de identidades de grupos, onde histórias individuais se entrelaçam com narrativas coletivas.

Barth (2011) apresenta a problemática em seus ensaios sobre a questão dos grupos étnicos e da sua persistência, pois entende que a constituição dos grupos étnicos bem como a natureza de suas fronteiras não havia sido analisada de forma sistemática como no caso das diferenças culturais, fronteiras e vínculos históricos,

que já vinham recebendo bastante atenção por parte dos estudos. Até então, o raciocínio antropológico vinha se embasando na:

[...] premissa de que a variação cultural é descontínua, que haveria agregações humanas que, compartilham uma cultura comum e diferenças interligadas que distinguiriam cada uma dessas culturas, tomadas separadamente de todas as outras. O autor vai aproximar o campo dos estudos de imigração à temática da etnicidade, o que significa incorporar a ideia de relações entre grupos cujos processos históricos são complexos e mais amplos, pensando as transformações e descrições de mudanças de costumes (Weber, 2006, p. 237).

Figura 1 – Desfile de italianos e brasileiros na chegada à Bahia em maio de 1950



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Nesta imagem onde os dois grupos desfilam juntos após a chegada dos imigrantes, evidencia a temática das identidades dos grupos desta pesquisa. Observamos que há fronteiras instituídas entre os grupos e que ambos estavam dispostos a viver em harmonia, porém são identidades distintas e ligadas as suas culturas e tradições.

Dessa forma, percebemos que o fenômeno imigratório produz relações étnicas, agregando a noção de identidade e de fronteira que delimitam o pertencimento de cada grupo presente no município. De acordo com Regina Weber (2013, p. 9), “o aparato conceitual que está sendo empregado (fronteiras, pertencimento) como resultado da contribuição de teorizações sobre o jogo de etnicidade propiciado no campo das relações, conduzindo a história a um diálogo com outras aberturas

interculturais, à exemplo de aprendizados da língua, de costumes, etc. E ainda na opinião de Weber (2006):

Entre a variedade de elementos culturais que caracterizam indivíduos pertencentes a grupos diferentes, estão: o modo de agir, de se vestir, de se comunicar, entre outras manifestações. No entendimento de que cada indivíduo vê o mundo com base na cultura do grupo em que está inserido, ele julgar-se proeminente, através do sentimento de que sua cultura é um modelo a ser seguido”. Tais diferenciações geram uma fronteira de inclusão, que reflete o reconhecimento que os membros da minoria têm de pertencerem a uma unidade, e uma fronteira de exclusão, refletindo o modo pelo qual a seção mais poderosa da população define o grupo que deve ser posto de lado (Weber, 2006, p. 244).

A ideia de que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado sugere que as experiências e contextos sociais desempenham um papel crucial na formação da identidade e isso implica que a identidade não é apenas uma questão de pertencimento a um grupo, mas de como os indivíduos são percebidos e reconhecidos por outros. Como diz Hall (2004) as identidades sendo descentradas pelo outro, isto é, estão sendo deslocadas e fragmentadas na medida em que se movimentam e aculturam, pois uns aprendem com os outros.

Para Weber (2006), as fronteiras trazem segregações e a ideia de identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Tal embasamento vem sendo direcionado pelo conceito de que na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades, com as quais poderíamos nos identificar. Considerando o que Hall (2004) pontua:

A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, as vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (Hall, 2004, p. 21).

O autor destaca a complexidade da identidade, enfatizando que ela não é uma característica fixa, mas sim um constructo dinâmico que pode ser moldado pelas interações sociais e pelas representações culturais. As três concepções de identidade que Hall explica em sua obra são: “o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno” (Hall, 2004, p. 10). Segundo o autor, o sujeito do Iluminismo tinha um núcleo interior, tendia a permanecer “idêntico” a si mesmo ao longo de sua

vida. O sujeito sociológico era complexo e refletia o mundo moderno, sua identidade era formada na relação com outras pessoas e foi este sujeito sociológico que nos trouxe a ideia de que “a identidade é formada na “interação” entre “eu” e a “sociedade” (Hall, 2004, p. 11). E assim, Silva (2000) diz que a forma de estabelecer uma identidade cultural como norma é o método mais eficaz de categorizar e desvalorizar outras identidades culturais:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (Silva, 2000, p. 83).

A afirmação de que a identificação não é fixa, mas pode ser construída, ganha ou mesmo perdida, reflete a natureza fluida das identidades, que podem ser reforçadas ou desafiadas ao longo do tempo. Essa fluidez é particularmente relevante em um mundo globalizado e multicultural, onde os indivíduos frequentemente navegam entre diferentes identidades e contextos.

Entretanto, a transição de uma política de identidade de classe para uma política de diferença sugere uma mudança no foco das lutas sociais. Enquanto a política de identidade pode se concentrar em questões de classe e desigualdade econômica, a política de diferença enfatiza a diversidade e as especificidades culturais, raciais e de gênero. E essa mudança pode ser vista como uma resposta à complexidade das identidades contemporâneas e à necessidade de reconhecer e valorizar as diferenças, ao invés de tentar unificá-las sob uma única categoria. Portanto, a citação de Hall (2004) convida à reflexão sobre como as identidades são construídas e desconstruídas por meio de processos sociais e políticos, e como essa dinâmica torna-se cada vez mais importante em um mundo em transformação.

E em tal perspectiva, ocorre o que chamamos de politicização da identidade que é um fenômeno complexo que se entrelaça com questões de reconhecimento e representação, especialmente no contexto familiar. Esse processo envolve a forma como diferentes grupos sociais, muitas vezes marginalizados, buscam afirmar suas

identidades e reivindicar seus direitos em um cenário político e social que historicamente os tem excluído.

Destarte, a politicização da identidade, mediada pelas dinâmicas familiares, é um fator crítico na busca por reconhecimento e representação. O fortalecimento da luta por uma vivência de igualdade entre grupos, a capacidade das famílias de imigrantes e itiruçuenses em se adaptarem, acolherem, reconstruindo suas identidades, promovendo um diálogo nas esferas pública e privada.

Então, a família, como uma unidade social fundamental, desempenha um papel crucial nesse processo, haja vista que as dinâmicas familiares podem influenciar a forma como os indivíduos percebem e expressam suas identidades. Por exemplo, em famílias que abraçam a diversidade, a aceitação das identidades de gênero, raça, etnia ou orientação sexual pode fortalecer uma luta coletiva por reconhecimento e igualdade.

À vista disso, o reconhecimento e pertencimento a um grupo é um aspecto central na luta pela fixação de uma identidade reconhecida e legitimada, pois diz respeito à validação das experiências e identidades historicamente aceitas e valorizadas e não marginalizadas. Estigmatizadas como estranhos, como afirma Goffman (2017):

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (Goffman, 2017, p. 12).

Goffman (2017) sugere que, ao nos depararmos com alguém que percebemos como estranho ou diferente do que somos, tendemos a enfatizar uma característica que o distingue de um grupo considerado normativo, o que pode levar a uma desvalorização dessa pessoa. Esse processo de rotulação reduz a complexidade da individualidade a um estereótipo negativo, transformando a pessoa em uma criatura comum e total em uma pessoa estragada e diminuída. Essa ideia revela a fragilidade das identidades sociais e como características percebidas como desvios podem gerar um impacto profundo na forma como os indivíduos são tratados.

Contudo, o estigma não apenas afeta a autoestima da pessoa rotulada, como pode ter consequências sociais significativas, como exclusão e marginalização. A

citação provoca uma reflexão sobre a necessidade de um olhar mais atento e empático para além das aparências e das características que nos separam, promovendo um entendimento mais inclusivo e respeitoso das diferenças humanas. Além disso, Goffman (2017) nos convida a considerar as estruturas sociais que perpetuam esses estigmas, questionando como a sociedade pode ser conivente com essas reduções identitárias e como podemos trabalhar para dismantelar essas visões limitadas e prejudiciais.

Porquanto, se a sociedade reconhece essas identidades sem estranhamentos demasiados, ela abre espaço para que essas vozes sejam ouvidas e respeitadas pelas diferenças, sendo fundamental para a construção de políticas públicas que atendam às necessidades específicas desses grupos, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária. Mas, o que entendemos por estigma? Goffman (2017) pontua:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horrível nem desonroso (Goffman, 2017, p. 13).

O autor classifica o estigma em três tipos principais: estigmas físicos, relacionados a condições corporais visíveis; estigmas de caráter, que se associam a traços de personalidade ou comportamentos considerados desviantes; e estigmas tribais, que se referem a marcas atribuídas a grupos raciais, étnicos, religiosos ou sociais. Esses marcadores não só afetam a imagem do indivíduo estigmatizado, como moldam as expectativas que os outros têm sobre ele. Para Goffman (2017), a presença de um estigma cria, assim, uma barreira entre o estigmatizado e aqueles que não compartilham de sua condição.

Sob este olhar, uma das principais ideias do autor é que o estigma gera uma identidade deteriorada ou desvalorizada, impactando diretamente a forma como o indivíduo se percebe e é percebido. Segundo o autor, o estigmatizado vive em um estado constante de vigilância e ajustamento, desenvolvendo estratégias de controle de informações sobre si e sobre os outros e estes variam desde a ocultação até a revelação parcial. Esse jogo de manipulação da própria identidade visa minimizar as barreiras sociais e as reações negativas que ele pode enfrentar nas interações diárias.

Interessante lembrar que a representação da identidade por sua vez é vital para garantir que as diferentes identidades estejam visivelmente presentes nas esferas de

poder e decisão e na dinâmica da igualdade e da diferença. A falta de percepção dessa identidade original e reinterpretada pode levar à perpetuação de desigualdades, pois as políticas podem ser formuladas sem considerar as realidades e necessidades de todos os grupos. A inclusão de diversas identidades nas decisões políticas e sociais é essencial para a construção de uma sociedade que valoriza a diversidade e promove a equidade.

Observamos aqui a grande importância do contexto e de suas implicações com a família no processo de imigração e construção de identidades, sendo este o elo que une os sujeitos do grupo dentro de uma sociedade vigente, utilizando de estratégias de identidade e memória para a manutenção de padrões e tradições familiares.

Figura 2 – Família Italiana na década de 50



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Nesta imagem de uma família tradicional de imigrantes italianos, reflete a temática de como a família atua como fonte de influência ideológica entre os seus membros, como afirma Prado (1981). Filhos são a representatividade de um legado de respeito e preservação da identidade familiar, conforme evidencia a autora Sarti (2004a), cada família constrói seus mitos a partir do que ouve sobre si e legitima seus valores repassando em discursos internalizados por seus membros.

Entende-se ainda que o sentimento de pertencimento da família relacionado a uma origem nacional foi marcante no estabelecimento de fronteiras entre grupos, isso porque diferenças sociais e culturais foram fortes na própria experiência imigracional que produz um novo sistema cultural diferenciado de ser o estrangeiro em um ambiente novo. A partir dessa premissa refletida, Albert Camus (1979) escreve em sua obra:

Todas me olhavam: percebi que eram os membros do júri. Mas não sou capaz de dizer o que os distinguia uns dos outros. Tive apenas uma impressão: eu estava no banco de um eléctrico e todos estes passageiros anônimos espiavam o recém-chegado para lhe observar os ridículos. Sei perfeitamente que esta ideia era parva pois aqui não era o ridículo que eles procuravam, era o crime. Porém a diferença entre as duas coisas não se me afigurava muito grande e, de qualquer modo, foi a ideia que me veio à cabeça (Camus, 1979, p. 80).

A citação de Camus destaca a sensação de estranhamento e vulnerabilidade que o estrangeiro experimenta ao ser observado por pessoas que ao seu entendimento julgam padrões de comportamento como um júri, simbolizando não só o julgamento social, mas o moral. Além disso, nos convida a refletir sobre o papel do olhar do outro em moldar a identidade e comportamento dos membros da família. O sentimento de estar em constante exposição na sociedade, a avaliação por parte dos outros pode gerar uma profunda ansiedade e questionamento sobre a própria moralidade e valores presentes entre grupos ambíguos.

Camus (1979), refere-se ao conceito de que o julgamento do padrão familiar pode ser implacável e estabelecido como modelo a ser seguido. A noção de família é o foco de atenção, de percepção do modelo a ser seguido dentro de antigos padrões de família, revelando a complexidade das relações humanas e a fragilidade do indivíduo diante da sociedade.

Em uma sociedade conservadora, os vínculos afetivos, para merecerem aceitação social e reconhecimento, necessitava ser chancelados pelo que se convencionou chamar de matrimônio. A família tinha uma formação extensiva, verdadeira comunidade rural integrada por todos os parentes, formando unidade de produção, com amplo incentivo à procriação. Como era entidade patrimonializada, seus membros representavam força de trabalho. O crescimento da família ensejava melhores condições de sobrevivência a todos. O núcleo família dispunha de perfil hierarquizado e patriarcal (Dias, 2013, p. 28).

O modelo referido trata-se da família tradicional, conceituada pelo relacionamento entre homens e mulheres unidos pelo matrimônio com o intuito de conceber filhos, ideia atrelada a religião, especificamente ao Cristianismo, também relacionada com o molde patriarcal e heteronormativo, conforme preceituado por Oliveira e Rodrigues (2013):

A heteronormatividade está condicionada à construção histórica do ser homem e do ser mulher. Ou seja, ela como norma não é estática, imutável ao longo da história. Ao contrário, ela se modifica na medida

em que se modificam os modelos ideais de masculinidade e de feminilidade (Oliveira; Rodrigues, 2013, p. 2).

No entanto, tal julgamento pode ser minimizado quando padrões familiares são compartilhados por membros de comunidades distintas, bem como esses padrões estão em constante evolução e modificação, considerando mudanças de tempo e de espaço.

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares (Ferrari; Kaloustian, 2002, p. 14).

## 2.2 ITIRUÇU-BA – A SEDE DA IMIGRAÇÃO

A sede da imigração italiana objeto da presente pesquisa ocorreu no município de Itiruçu, localizado a 329 km da capital Salvador, Sudeste da Bahia com aproximadamente 11.000 mil habitantes (IBGE, 2022). O município contém 313,707 km<sup>2</sup> de área territorial e densidade demográfica de 40.46 habitantes por km<sup>2</sup>. A altitude média da sede municipal é 820 metros. Tem como municípios vizinhos Lagedo do Tabocal ao Norte, Jequié ao Sul, a Leste com Jaguaquara e a Oeste com o distrito de Lafaiete Coutinho.

Figura 3 – Mapa da Bahia



Fonte: Abreu (2006)

De acordo com a historiografia, a localidade foi ocupada pelo português José Antonio Braga após perseguição da “Guerra dos Mata Marotos” em 1823, a guerra também conhecida pela manifestação de antilusitanismo ocorreu entre os anos de 1821 e 1823 e teve como motivação a ruptura política entre brasileiros e portugueses após o período de colonização, tendo início na capital e recôncavo, se estendendo pelo estado da Bahia. Guerra dos Mata Marotos – um conflito caracterizado por uma série de revoltas e embates entre forças leais ao governo imperial e grupos de resistência local, conhecidos como "mata-maros" e esses grupos eram compostos, em sua maioria, por trabalhadores rurais e pequenos proprietários que se opunham às exigências do governo e às altas taxas de impostos. No contexto das cidades de Itiruçu e Jaguaquara, na Bahia, a guerra refletiu as tensões sociais e políticas da época, isso porque a região era marcada por uma luta por autonomia e reivindicações por melhores condições de vida.

Os conflitos na Bahia, e em particular nas áreas de Itiruçu e Jaguaquara, foram intensos influenciado pelos movimentos já existentes, resultando em um cenário de violência e instabilidade em decorrência das insatisfações populares com a centralização do poder e as dificuldades econômicas enfrentadas pelos habitantes da região onde a produção demandava apoio governamental. O legado desse conflito pode ser sentido até hoje, refletindo as lutas por direitos e reconhecimento das comunidades locais. Frutuoso (2016) discorre acerca do período vivenciado pelos portugueses:

As tensões sociais e embates dos autodenominados brasileiros contra os nascidos em Portugal e seus aliados políticos se inseriram num contexto em que “ser português” era o mesmo que ser um “alvo” para inimigos políticos e, pior ainda, “um alvo branco possível de ser atingido” por toda uma população pobre e insatisfeita, fosse negra ou mestiça (Frutuoso, 2016, p. 14).

A análise de Frutuoso nos convida a refletir sobre como essas tensões históricas moldaram as identidades brasileiras e as relações de poder que continuam a ressoar na sociedade contemporânea. A luta por reconhecimento e igualdade, que já existia no período colonial é uma questão que permanece relevante nos debates sociais e políticos atuais.

Cavalcanti (2011) fala que foi somente em 1854 que Itiruçu foi regularizada pela Lei de Terras e inicialmente foi distrito do município vizinho Jaguaquara conhecida como “Toca da Onça”, sendo desmembrado tornando-se a sua própria sede em 18 de julho de 1935 pelo Decreto nº 9599, encontrando-se com 89 anos de emancipação política nos dias atuais.

O município foi inicialmente denominado “Lagoa da Tiririca” devido a existência de região aquosa presente ao Sul do Morro Grande (região montanhosa presente a cerca de 8 km da sede da cidade na zona rural) pelo originário José de Souza Brandão e logo após “Morro Grande”. O nome Itiruçu veio da sugestão do então Governador Teodoro Sampaio que tem originalidade do Tupi Guarani que significa Morro Grande com raízes que se ligam à geografia da região já que a cidade é situada em uma área montanhosa, com colinas.

Figura 4 – Morro Grande



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

De acordo com Cavalcanti (2011), o município está localizado a mil metros de altitude acima do nível do mar, tendo clima temperado, terras férteis, solo de perfil sílico argiloso, topografia plana e ótima pluviosidade anual, oferecendo as condições ideais para a exploração da agricultura. Dessa forma, cresceu e desenvolveu com base na terra fértil para a agricultura, ficando conhecida pelo plantio de café, mandioca, maracujá e hortifrutigranjeiros, abrangendo as atividades comerciais através da torrefação de café, farinha de mandioca e tapioca, fabrica de sabão, doces e derivados do leite, bem como blocos e tijolos, artefatos de couro e fabricação de massas caseiras.

O desenvolvimento do município ocorrera de forma lenta, para Benedini e Arquilla (2015) devido a posição excêntrica em relação a ferrovia e talvez pela elevada altitude. A exemplo disto seria a abertura do correio em 1924 se transformando em agência telegráfica apenas em 1936, bem como um escritório de administração fiscal estadual em 1937 e tendo o primeiro juiz em 1946.

A cultura de Itiruçu tinha como base cultural festas de italianos e brasileiros, a exemplo da festa do padroeiro Santo Antônio e São João no mês de junho e a Festa de San Gabrielle como uma celebração tradicional que reúne a comunidade em torno de eventos religiosos e culturais. Geralmente, a festa envolve uma série de atividades, como missas, procissões e eventos sociais. Durante a festa, os residentes e visitantes

costumam participar de danças, músicas e comidas típicas, criando um ambiente festivo e de confraternização. É um momento importante para a preservação da cultura local e para fortalecer os laços comunitários.

Figura 5 – Festa de San Gabrielle (década de 80)



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Já em junho/julho, as festas em homenagem aos padroeiros Santo Antônio, São João e São Pedro tomam conta no município e são marcadas por danças típicas, trazendo quadrilha e comidas tradicionais, como canjica, pamonha e milho cozido e as fogueiras iluminam as noites onde italianos e ituruçuenses se reúnem na praça da feira para celebrar a fé e a cultura popular, criando um ambiente acolhedor e festivo.

Ambas as culturas, com suas festas vibrantes e cheias de significados, mostram como a celebração é uma forma de manter vivas as tradições e fortalecer os laços comunitários. Assim, tanto italianos quanto brasileiros encontram nas festas uma forma de expressar sua identidade cultural e celebrar historicamente costumes de europeus que vem na migração intracontinental a sobrevivência e oferta de trabalho que o Brasil oferecia terras.

### 2.3 A MIGRAÇÃO NA BAHIA

Historicamente os europeus como portugueses, espanhóis e italianos, sempre recorreram a migração intracontinental conforme as necessidades de sobrevivência e ofertas de trabalho, considerando que em contrapartida, o Brasil oferecia terras para quem decidia imigrar desde o início do ano de 1800 (Pereira, 2008).

Em 16 de março de 1820, um decreto de D. João VI criava as denominadas colônias “oficiais”, para as quais foram direcionados imigrantes, ou melhor, famílias inteiras de imigrantes, que recebiam pequenos lotes de terras para produzir alimentos e bens artesanais voltados para o mercado interno (Pereira, 2008, p. 36),

Porém foi no ano de 1924 que a imigração passou a ter observância pela Lei nº 1.729 baseada no Decreto Federal nº 4.247 através da “Inspetoria de Imigração e Colonização”, tendo como objetivo a desapropriação de terrenos particulares destinando-os a nacionais e imigrados (Benedini; Arquilla, 2015).

Nesse sentido, o primeiro núcleo colonial do Estado foi construído no ano de 1937 em Água Comprida (atualmente Simões Filho) próximo a Salvador, no governo de Juracy Magalhães e com a finalidade de trazer para o comércio de Salvador produtos que não eram encontrados na região, tendo como emigrantes japoneses, logo após, no ano de 1950, já haviam neste núcleo famílias brasileiras e polonesas.

Apesar da existência do preconceito com a região nordeste quando se falava em imigração, acreditando-se que o clima e a baixa latitude tornavam-na imprópria para a implantação das colônias agrícolas e que a população não recebia a imigração com “bons olhos”, foi sendo desmitificada pelas próprias experiências dos imigrantes com o decorrer do tempo.

O que ocorreu com os italianos que imigraram para a Bahia em 1950 foi decorrente ao momento difícil devido à crise econômica e social encontrando-se entre os países mais pobres após a Segunda Guerra Mundial. Consideraram na proposta brasileira de disponibilização de terras para plantio novas chances de reconstruírem suas vidas com a expulsão de pequenos proprietários, empregados de indústrias com baixos salários e desemprego.

## 2.4 A IMIGRAÇÃO EM ITIRUÇU-BA: EIS QUE CHEGAM OS ITALIANOS

Foi durante o governo de Otávio Mangabeira (1947-1951) e do secretário de agricultura Nestor Duarte que surgiu a ideia de implantar em Itiruçu um núcleo colonial tendo como objetivo um campo experimental para cultura e melhoramento genético da batata, sendo abrangido posteriormente para demais hortigranjeiros para contribuição da melhora dietética dos alimentos (Cavalcanti, 2011).

O núcleo fora construído através de verbas estaduais pela Secretaria de Agricultura com cerca de 3.200.000 Cruzeiros e um acordo entre o governo estadual e federal ao equivalente a 2.000.000 cruzeiros durante 5 anos. Assim, fora instituída a “base para introdução de imigrantes europeus no estado da Bahia” no dia 05 de maio de 1949 (Benedini; Arquilla, 2015, p. 154) com os seguintes acordos:

1. A secretaria da Agricultura, através do serviço dos Núcleos Coloniais do Departamento de Produção Vegetal, fornece passagem e transporte de bagagem do porto de Salvador até a sede da Colônia na Bahia;
2. Paga Crs 1.500 por família até 6 pessoas, como indenização de mudança;
3. Atribui gratuitamente e por 5 anos, a família do colono, um lote de 15 a 30 Ha. de terra com: casa para moradia de dois quartos, sala, cozinha e banheiro;
4. Empréstimo gratuitamente por 5 anos ferramentas, máquinas agrícolas e gado;
5. Empréstimo mensal sem juros, Crs. 100 para cada filho até um máximo de 4, junto com um valor máximo de Crs. 1.100, durante os primeiros 6 meses de permanência dos colonos, para que consigam as primeiras colheitas;
6. Empréstimo por um ano inseticidas, sementes e mudas;
7. Fornece assistência médica aos colonos por 5 anos, exceto aos medicamentos, que serão gratuitos só durante o primeiro ano;
8. Cada Colônia do Governo é gerida e administrada por um agrônomo da Secretaria de Agricultura;
9. Após 5 anos de treinamento e adaptação do colono, o governo do Estado da Bahia venderá o lote ocupado junto com a casa para o mesmo, a preço de custo, com pagamento em prestações durante 10 anos;
10. Os colonos se comprometem a semear na área indicada pelo técnico responsável pela colônia, mesmo não sendo a área atribuída definitivamente a eles, para não perder a colheita de inverno, obrigatórias para todos, não ter prejuízos e poder, assim, restituir os empréstimos recebidos;
11. O valor de um lote de 30 Ha. localizado nos atuais núcleos de colonização da Secretaria da Agricultura da Bahia, é calculado praticamente em Crs. 28.000, aos quais se devem acrescentar Crs. 22.000 que representam o valor da casa, ou seja, no total Crs. 50.000 (Benedini; Arquilla, 2015, p. 149).

De acordo com os autores, a escolha da localidade teria sido motivada por critérios políticos e sem estudos preliminares, levando em consideração as condições climáticas ou a proximidade a potenciais mercados consumidores. Assim, foram criados os Núcleos de Emboacica, Boa União, Itiruçu e Jaguaquara, nos anos de 1949 e 1950. No mesmo ano de 1950 o município de Jequié (cidade vizinha localizada a 51,2 km de distância) já existia um grupo de italianos desde o ano de 1881 pelos comerciantes Giuseppe Rotondano e Giuseppe Niella que vieram e trouxeram seus conterrâneos com o passar dos anos.

Para isso, no pequeno município de Itiruçu (na época com 6.951 habitantes) foi adquirida uma área correspondente a 2.200 hectares de terra da Fazenda Caldeirãozinho da Bateia dos então proprietários Arlindo Gomes e José Inácio. A ideia do núcleo colonial era construir uma área com duas escolas rurais, casas dos colonos, casa do agrônomo, escritório, galpões e casas para funcionários. Contando com a equipe técnica composta pelos seguintes profissionais: Nuno Tavares, diretor do departamento de produção vegetal; Antonio Francisco de Paula Neto, diretor do serviço de colonização e imigração; Mario Dorea de Assis, diretor do departamento de topografia; Edvaldo Bonfim, topógrafo; José Cravo Caldeira, agrônomo; Italo Amaral, responsável pelo escritório de contabilidade; Raimundo Lira e Zezito, tratoristas; Barros, capataz; Januário, mestre de obras; Nelson, Eletricista; Silverio, motorista; Alirio, caseiro; José Carreiro, condutor do carro de bois (Cavalcanti, 2011).

Cumprido salientar que Nuno Tavares, então Diretor do Serviço de Colonização da Bahia, convidou os japoneses Masao e Masaktsu Takamura para ocupar os dois primeiros lotes da Colônia Batéia, fornecendo sementes de batata, couve-flor, pimentão e tomate. Bem como trator, arador e uma grade para manuseio da terra (Benedini; Arquilla, 2015).

Após concluída a base física e estrutural do núcleo colonial, fora feito um convênio entre o governo do estado da Bahia e a SCLAPIV (cooperativa italiana) em 4 de março de 1950, com perspectiva de viagem entre 15 e 20 de abril de 32 chefes de família e 18 famílias, ficando decidido que os chefes de família viriam primeiro e depois suas famílias (Benedini; Arquilla, 2015).

O acordo seria que a cooperativa arcaria com o transporte da Itália à Salvador e caso o navio fizesse escala em Salvador seria de responsabilidade do governo

baiano leva-los até as colônias, com a promessa feita pelo presidente da Cooperativa aos italianos associados, como relatado em livro de Benedini e Arquilla (2015):

Aos nossos sócios serão atribuídos em propriedade lotes de terra com cerca de 40/60 hectares, dotados de cômodas e amplas casas coloniais com alvenaria com móveis e terão como adiantamento: adubos, sementes, arados, uma carroça com mula, dois bois, um porco e animais de pequeno porte, e para poder suprir as necessidades das famílias que ficaram na Itália, cada sócio terá um adiantamento mensal, durante seis meses, de 1.100 cruzeiros (Benedini; Arquilla, 2015, p. 207).

A maior parte dos italianos associados eram produtores rurais, operários e comerciantes desempregados e ao receberem oferta de terras para a expansão da agricultura do estado não recuaram em busca de melhoria de vida. De acordo com o Secretário de Agricultura Nestor Duarte relatado em livro de Benedini e Arquilla (2015) a imigração nessa época deve ser vista como uma expansão nacional considerando as técnicas e experiências do imigrante de que a referida imigração não deve ser uma questão demográfica, racial e de mão de obra para o Brasil, mas deve ser, ao contrário, um problema de técnica de trabalho e de mão de obra especializada, uma vez que a técnica superior que ele possui, capaz de ampliar a produção econômica, criando novas fontes de iniciativas e de riquezas para o trabalho nacional (Benedini; Arquilla, 2015).

Tal afirmação se evidenciou com a chegada dos imigrantes, expresso pela imprensa ao redigir matéria para o jornal A Tarde intitulada “Braços estrangeiros para o progresso da Bahia”, mostrando de forma expressa a expectativa gerada em receber esses imigrantes que trariam o cultivo de novos alimentos até então desconhecidos na região. Vislumbrando a melhoria do desenvolvimento da agricultura e conseqüentemente para a economia dos municípios, que dizia:

Em breve teremos sobre as nossas mesas o saboroso couve-flor, a succulenta batatinha e as frutas de áreas temperadas, cultivos esses que encontram no planalto de Jaguaquara e Itiruçu excelentes condições de solo, clima e altitude para se desenvolver e produzir (Benedini; Arquilla, 2015, p. 219).

No dia 21 de abril de 1950 cerca de 31 italianos foram de trem de Pescara para Gênova e em 22 de abril de 1950 embarcaram no navio “Protea” em uma viagem de aproximadamente 28 dias até chegarem ao porto de Salvador em 20 de maio de 1950. No dia 07 de junho de 1950 chegou a segunda parte dos imigrantes.

Figura 6 – Navio dos imigrantes (novembro, 1950)



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

A lembrança das imagens contamina os sonhos e os pensamentos de quem lembra a saída de sua pátria e a chegada em terras distantes de suas raízes. Pessoas com ideais de encontrar na América maiores condições para viver. Embarcavam, na terceira classe, em navios a vela para singrar o Atlântico, percurso que levava até trinta dias a tornar a saga menos cruel. Essa experiência representa uma transposição/travessia decisiva de saída e chegada.

Após a chegada em solos baianos, partiram de Salvador com o destino ao Km 43 (cruzamento das estradas de Itiruçu e Jaguaquara), onde se dividiram, indo 21 famílias para Itiruçu, enquanto o restante para a colônia de Boa União e a ainda a ser construída em Jaguaquara. Foram eles: Nicola Di Giovanni, Alberto Di Girolamo, Humberto Di Girolamo, Donato Di Gregorio, Crescenzo Salvatore, Dorísio Pelagatti, Guisepe Facchini, Elia Iervese, Stefano Constantini, Conrado Malandra, Nicola D'Antonio, Gino D'Angelo, Donato Giammarino, Mario Trisi, Giorgio Veranese, Domenico Tenisi, Carmine La Macchia, Emidio D'Angelo, Giovanni D'Emidio e Alfredo Fioravanti (Benedini; Arquilla, 2015; Di Gregorio, 2003).

Figura 7 – Primeiros imigrantes em 1950



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Para Itiruçu os imigrantes foram levados através de caminhões que aguardavam na estrada de ferro dirigidos pelos itiruçuenses Alberico Pires, Waldemar Fróes, Juca Pires e seu Biu e assim começou o processo de recepção desses imigrantes pela sociedade de Itiruçu:

Assim que chegaram os imigrantes foram recepcionados por baianos como o prefeito Jeir Magalhães e Oldack Souza, que falavam um pouco a língua italiana. Com eles, os imigrantes aprenderam o português (Di Gregorio, 2003, p. 52).

Cabe salientar que esses imigrantes não sabiam ao certo aonde iriam desembarcar e por mais que dividissem a mesma terra natal, não se conheciam. A viagem foi marcada por incertezas, novidades e esperança, conforme narrado por Di Gregório (2003):

Assim que embarcaram, ainda com malas nos pisos do navio, esses jovens receberam pacotes de macarrão como forma de manutenção de hábitos da terra de origem. Acreditou-se que o alimento socializado conservaria um vínculo entre os passageiros desconhecidos (Di Gregório, p. 38).

Conforme citado anteriormente a vinda dos imigrantes foi apoiada pelo governo italiano e brasileiro/baiano, que custeou a viagem, o sustento nos primeiros tempos, a terra, utensílios e sementes para as plantações (Di Gregorio, 2003). Ao chegarem no

município de Itiruçu se acomodaram na colônia construída que ficou conhecida como Colônia Batéia.

Receberam então um lote de 50 hectares com casa e galpão para guardar máquinas e insumos, as casas não possuíam água encanada e nem rede elétrica, continham dois quartos, sala, cozinha e banheiro, a água para consumo não era apropriada, então era buscada no lote do japonês Takamura (Cavalcanti, 2011). Havia também em cada lote um jegue, que fora substituído pelo cavalo e posteriormente pelo primeiro carro: a charrete (Di Gregório, 2003).

Em 30 de novembro e 24 de dezembro de 1950 chegaram as famílias, esse segundo grupo de idosos, esposas, familiares e crianças foram levados a Gênova para o Centro de Imigração e aguardaram alguns dias até embarcarem no navio Biancamano. Como descreve imigrantes depoentes à Di Gregorio (2003) em seu livro:

[...] Tivemos um sonho de termos nossas terras. Tinha 17 anos quando saímos do porto de Gênova. Ficamos dois dias esperando os navios para a viagem, pois o porto estava em greve. Nestes dias ficamos no Hotel da Imigração de Gênova e quando viemos, demoramos 11 dias viajando e era divertido, apesar de ser a 3ª classe. Eramos bem tratados, brincávamos e tínhamos comida (Di Gregorio, 2003, p. 46).

Ficávamos doze dias viajando em alto-mar e lá encontrei minha esposa Maria Clara, que na época tinha nove anos, brincando no navio que aos seus olhos era imenso. Porém, antes do embarque, apareceu uma caminhonete e retirou algumas crianças, como eu, para banho e vacina, que era a cargo de uma enfermeira brasileira. Ficamos com medo e apavorados, pois fomos a um lugar distante de nossa família, mas retornamos (Di Gregorio, 2003, p. 41).

Figura 8 – Chegada das famílias em novembro de 1950



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

A primeira parada foi na África, logo após Rio de Janeiro e Salvador, onde desembarcaram no Porto dos Docas na cidade baixa, onde alguns pais esperavam por suas famílias. Logo após adentraram num trem com destino à Jaguaquara, de onde passaram pelos vales hoje conhecido como “Vale do Jequiriça”, pelas estações de Mutuípe e Itaquara (Di Gregorio, 2003).

Em pouco tempo de chegada, fora realizada missa com a presença de todas as famílias, bem como foram convidados para um desfile na cidade vizinha Jaguaquara, onde os imigrantes desfilaram com bandeiras, símbolos de união e integração dos povos (Di Gregorio, 2003), como forma de apresentação a sociedade baiana da região.

Foram recebidos pelos políticos locais, que consagraram o grupo de imigrantes como trabalhadores rurais pelo Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, ao cederem terras para que fossem pagas posteriormente “[...] com o compromisso de 10 anos e 3 de carência, para o recebimento dos lotes e permanência no Brasil era necessários exames, atestados de saúde e comprovante de casamento” (Di Gregório, 2003, p. 51).

## 2.5 O COMEÇO DA INTERAÇÃO SOCIAL

E assim começou o processo de socialização e adaptação entre esses dois mundos através de seus grupos. De um lado, os itiruçuenses/baianos/brasileiros com a chegada de um novo povo, de outro lado, os italianos em terras novas. Foram muitas as dificuldades enfrentadas, primeiramente em se depararem com a nova casa, conta um depoente à Di Gregorio (2003):

[...] Quando chegamos aqui, as casas não foram construídas por nós, não eram próprias, mas quando entramos nelas a realidade bateu. Dormimos em camas patentes, colchão de palha e lá se encontrava uma mesa de 80cm x 80cm que depois foi sendo substituída, e quatro tamboretas. Não gostamos de mesas pequenas. Nesta casa recebida, se fosse construída por nós seria diferente. Pela manhã, ao nos levantar pensei: Para onde vamos? Onde estão meus amigos? Eu era menino... (Di Gregorio, 2003, p. 44).

Os imigrantes compartilhavam da mesma região do Abruzzo e Molise, das cidades de Pescara, Campobasso, Frosinone, Chieti, Ascoli. Possuíam cultura e tradições semelhantes, principalmente ao dialeto. Dessa forma, é possível evidenciar através de relatos o sentimento de tristeza ao se deparar com uma realidade distinta ao seu costume:

Chorei, perdendo muitos quilos e fazia macarrão de raiva, por não saber onde estava. Ouvia Tambores – eram os sapos. Pensei: quando juntar dinheiro vou embora. Ia com quê? (Di Gregório, 2003, p. 43).

Tínhamos que arrumar a casa e para passar o tempo das crianças que não tinham diversão, colocava cada uma na cadeira, dava um pedaço de papel com açúcar e cada um ficava com o dedinho no papel e na boca. Assim tinha tempo para ir fazer as compras, pois não tinha geladeira (Di Gregório, 2003, p. 60).

Com o passar dos dias foram ocorrendo os reencontros com os amigos que até então só tinham visto dos navios, com os quais podiam conversar sobre a viagem e traçar estratégias de acomodação. Foi gerando as localizações espaciais e conhecimento do lugar com a ajuda das famílias brasileiras, destacando a importância da amizade, solidariedade e acolhimento neste momento delicado. Conforme descreve Di Gregorio (2003):

[...] As pesquisas mostraram que na chegada não houve um processo de invectibilidade, visto que não ensinaram nem trocaram injúrias, constatando-se um caráter acolhedor nos ituruçuenses que não “arrenegaram” os imigrantes. As pessoas se mantiveram numa posição de acolhimento – um tanto intrigante – e então o processo de socialização aconteceu... (Di Gregorio, 2003, p. 48).

Houve muitas dificuldades com a adaptação entre os grupos, porém de forma amistosa. Sentiram diferença com a alimentação, desconheciam o feijão, carne seca, e na falta dos alimentos conhecidos na Itália como verduras, pão e peixe, além da criação de animais, quando começaram a investir nos lotes recebidos, na agricultura e iniciar pequenos negócios.

Figura 9 – Imigrantes no manejo da agricultura (década de 50)



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Desbravamento de terras virgens com a presença do imigrante na agricultura local quando o crescimento do município foi impulsionado pela mão de obra italiana, que se destacou em setores como comércio e serviços do comércio hortifrutigranjeiros. Essa dinâmica ajudou a moldar a economia da região e a criar uma nova classe trabalhadora.

Foram inúmeros os episódios de trabalho e adaptação de mulheres e homens italianos, contados como o episódio vivido em diálogo difícil pela língua quando o italiano Mario Trisi em negociação de serviços com um brasileiro quando este lhe

ofereceu a condição de “molhado” que significa o pagamento de dinheiro e alimentação, no entanto, na Itália “molha” significa esposa, dessa forma, entendeu que a negociação incluiria sua mulher e acabou ofendido. Assim também aconteceu com a imigrante Ana Trisi ao se deslocar a riacho para lavar roupa, achou eu teria ouvido choro de criança, quando na verdade se tratava do barulho de rãs e sapos presentes na região (Cavalcanti, 2011).

Apesar das situações engraçadas, os imigrantes também tiveram que lidar com a dificuldade em assinar documentos, manuseando papéis informativos, sementes e torcendo para que não houvesse nenhum desencontro de informações que os prejudicassem. Por isso, passaram a receber aulas de Português através de voluntários do município que se deslocavam até a colônia para ensiná-los, logo após as crianças passaram a frequentar as escolas da cidade, assumindo o papel de intermediários devido a vantagem de serem alfabetizados no Brasil, auxiliavam os mais velhos inclusive em negociações.

Foram 86% os imigrantes que estabeleceram desse território seu lar definitivo, porém alguns deles não se adaptaram, havendo um suicídio nostálgico pós guerra e alguns que resolveram retornar à sua terra natal, a exemplo de Frederico D’Emidio e sua família e Francesco Pace que foi e voltou depois, bem como integrantes da família La Macchia. A pesquisadora Di Gregório (2003) coletou esta fala de uma italiana:

Minha mãe era uma senhora calma, caseira como toda italiana. camponesa original que tinha 11 filhos. Como dois ficaram na Itália (Maria e Frederico), ela ficava saudosa e quis voltar em 1984. Lúcia retornou e lá então meus pais faleceram (Di Gregório, 2003, p. 46).

Dessa forma, por muitos serem já camponeses na Itália, a adaptação foi acontecendo mais rápido com o passar do tempo, como cita a autora Di Gregorio (2003, p. 80) ao referir-se ao gosto musical: “Os mais velhos preferem músicas da Itália, a exemplo de Inno a Roma, Camerata Richarol e La Canzone dei Sommergibili, enquanto os jovens apreciam mais as músicas brasileiras românticas e de vários ritmos”.

As músicas italianas, frequentemente, evocam uma profunda sensação de nostalgia, refletindo temas de amor, saudade e memórias. Desde as canções clássicas de artistas como Lucio Dalla e Fabrizio De André até as baladas românticas de Eros Ramazzotti e Andrea Bocelli, as letras costumam explorar sentimentos intensos e vivências passadas. A melodia suave e as harmonias ricas também

contribuem para essa atmosfera nostálgica. Muitas vezes, as canções falam sobre momentos especiais, relacionamentos perdidos e o tempo que passou, permitindo que os ouvintes se conectem emocionalmente com sua identidade de imigrante.

## 2.6 A IDENTIDADE ÉTNICA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

O texto “Aviso aos Emigrantes Italianos”<sup>1</sup> traduz de forma minuciosa o sentimento enfrentado pelo imigrante:

O sentimento de italianidade. A consciência do orgulho de ser italiano não abandona mais o imigrante, mesmo passados muitos anos desde o dia em que deixou a sua aldeia natal, ainda que as suas memórias e suas recordações não sejam mais alimentadas do afeto de parentes que permaneceram na Pátria. Na sociedade na qual vive, diferente daquela onde nasceu graças à uma família, às tradições, ao ambiente e costumes, tenha sempre consideração com aqueles produtos da indústria nacional que lhes foram familiares na infância: pense que consumindo-os estará favorecendo seus próprios irmãos distantes. Mantenha, além do mais, vivo o uso da própria língua e o culto às próprias instituições; eduque os filhos dentro do amor com relação à sua Pátria para que conheçam a língua, a história e a geografia da Itália. Ainda que ele assuma a nacionalidade do país no qual se encontra, não renegue e não esqueça a sublime herança moral dos próprios antepassados e transmita aos netos a sagrada chama do amor à Pátria distante: ele permanecerá assim como bom filho da Itália grande e forte no mundo. Viva a Itália, sempre (Avvertenze per l'Emigrante Italiano, [19--], p. 16).

Nesse viés, percebe-se que a Pátria e a família atuam como elos de preservação e manutenção da cultura e tradições da terra natal, utilizando estratégias que assegurem as tradições. Na segunda parte da vinda dos imigrantes, onde vieram esposas e filhos, trouxeram consigo documentos, fotografias e objetos que permitiam a comunicação com o deixado para trás, como afirma a autora Di Gregório (p. 40).

---

<sup>1</sup> Cf extraída do documento Avvertenze per l'Emigrante Italiano. Commissariato Generale Dell' Emigrazione. Roma: [S. n.], [19--]. 16 p.

Figura 10 – Família de imigrantes (década de 50)



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Nesta imagem podemos ver a figura da avó rodeada de filhos e netos e destaca-se esta representante familiar como membro responsável por dar prosseguimento através dos seus conselhos e sermões:

As lembranças dos depoentes acentuam o papel dos avós como fonte de transmissão de bens simbólicos que expressam ideias de uma ordem moral, do poder familiar, da agregação de uma rede de grande família, onde os papéis são publicamente legitimados, exercendo domínio sobre os descendentes (Di Gregório, 2003, p. 52).

Tal preservação acontece com o pertencimento do indivíduo ao grupo familiar, nesse contexto, ao grupo imigrante em uma localidade diversa. Para Di Gregório (2003, p. 56): “o sentido de sua vida acontece pela localização social dos antepassados, da preservação de padrões familiares, das transmissões dos bens simbólicos para os descendentes, veículos de preservação”.

A igreja, também, exerceu papel importante no processo de diferenciação cultural que vivenciava os imigrantes naquele momento, encontraram na fé e no local sagrado um sentido de pertencimento diante do sofrimento da distância da terra natal, como forma de velar e resguardar o grupo. Com esse intuito fora construída a capela de San Gabrielle dell' Addolorata, como símbolo da presença da religião cristã católica entre o povo italiano, como relato feito à Di Gregório (2003):

[...] levantaram após anos de trabalho e frustrações sociais um lugar que fosse uma réplica do espaço italiano, fundamentando melhor a existência desse grupo que se viu inserido em outro contexto e assim assegurariam sua própria estrutura eclesial monopolizando os próprios membros e alterando a ordem do papel social da igreja (Di Gregório, 2003, p. 73).

Uma vez ao ano realizava-se a festa do santo e convidavam toda a comunidade para participar, onde distribuía vinhos e amendoins na porta da igreja em cima de um caminho, ao final da festa era feita a escolha da comissão para o ano posterior, onde escolhiam um casal italiano para a presidência e um casal brasileiro ligado à colônia para a vice-presidência, hábito presente até os dias atuais. Como preconiza Di Gregorio (2003):

Essa relação entre a construção da igreja, a fé e os fiéis exprimem uma associação íntima entre o simbolismo da construção religiosa e da preservação da vida italiana, de recolhimento da nova terra, do sagrado, do lugar de ações milagrosas, do abrir caminhos, da coligação entre países e entre membros do próprio grupo de colonos que necessitavam de união nos rituais comunitários utilizando-se das tradições como casamento, nascimento, batizado, aniversário [...] (Di Gregorio, 2003, p. 74).

Também, no período de adaptação, esses imigrantes que ainda ao se conhecerem, reuniam-se em suas casas ao “pé do fogão” e embalados a vinhos, pizzas, pães, queijos e salames compartilhavam suas vidas e distraiam-se, esses encontros eram chamados de “filós” e “prândios” – logos almoços que se estendem até o jantar, destacava-se pela presença da comicità e humorização e sempre música e comida (Di Gregorio, 2003).

Entre esse grupo compartilhavam o prazer pelos jogos de sua origem como a “mora”, que consiste em um participante cantar um número e as duplas apostarem com os dedos em ritmo vertiginoso e a “boccia” jogo realizado em pistas para lançamento de bolas pequenas e médias de cimento de cores vermelhas e verdes (Di Gregorio, 2003).

E de acordo com as memórias de Cavalcanti (2011) relatadas em seu livro, era comum aos italianos se deslocarem aos dias de domingo a cidade vizinha de Jaguaquara para assistir a filmes italianos no cinema “de Sinézio”, onde também fora improvisado em Itiruçu barracão voltado para o entretenimento dos imigrantes.

Outro aspecto relevante foi a interação entre os imigrantes italianos e a população local, através dos promovidos bailes de integração. Embora houvesse

desafios dentre grupos, dançavam entre si e com a adaptação a um novo idioma e cultura, foram permitindo alguns diálogos interétnicos onde muitos italianos conseguiram se integrar melhor com os baianos, contribuindo para a formação de uma sociedade multicultural.

Figura 11 – Baile dos imigrantes (década de 50)



Fonte: acervo de pesquisa da autora (2024)

Como dito, os bailes de imigrantes eram momentos de integração e lazer, especialmente entre a comunidade italiana que contavam com o apoio de alguns brasileiros que desempenharam um papel crucial na interação à pátria e na promoção da coesão social entre os imigrantes e a comunidade. Esses eventos sociais não eram apenas uma forma de entretenimento, mas funcionavam como um espaço de resistência cultural e reafirmação das tradições, pois ao participarem de bailes, os imigrantes italianos podiam manter vivas suas danças, músicas e costumes, criando um ambiente familiar e acolhedor em um novo país que muitas vezes era marcado por dificuldades de adaptação.

Surgindo a ideia da criação de um clube voltado para o lazer desses imigrantes, onde se juntaram e com recursos dos próprios colonos pediam ajuda para a construção, diziam: “um milhão ou um tostão tudo vale para a construção”, e assim foi criado o “Dopo Lavoro Gran Sasso” que significa depois do trabalho grande pedra,

localizado na entrada da colônia ao lado da Capela, funcionava aos domingos e feriados, demonstrado através de relato à Di Gregorio (2003):

Lembro que construímos a igreja e as pessoas iam jogar no galpão ao lado e aí surgiu a ideia do clube dos italianos. A escolha do San Gabrielle foi após a discussão entre ele e a indicação do nome de Nossa Senhora do Loretto (Di Gregorio, 2003, p. 73).

Percebemos que a construção da Capela e do Clube foi uma estratégia utilizada para a preservação e manutenção de sua cultura diante de um novo mundo, que poderiam contar com esses lugares para a manifestação de seus hábitos através das conversas e jogos.

Alguns hábitos foram mantidos como o desejar “Bonna Pasqua” na saída da missa da Páscoa e realizar almoços que se estendiam durante todo o dia, bem como o dar e receber presentes a todos os integrantes da família. Bem como a “nonna” perguntando aos filhos ao bater nas portas de seus quartos se iriam à missa aos domingos (Di Gregorio, 2003).

Reconhece-se a religião como fator principal do pertencimento desses imigrantes em terra distinta, bem como elo articulador que permitiu o encontro das duas culturas, a exemplo disso são as viagens de romaria feitas a cidade de Milagres-BA e Bom Jesus da Lapa-BA, onde os fiéis (italianos e brasileiros) se deslocavam em missão de agradecimento ao trabalho, saúde e crescimento do grupo familiar (Di Gregório, 2003).

Para a compreensão da temática, é necessário aprofundar sobre os estudos da etnicidade, que segundo Poutignat e Streiff-Fennart (2011) é um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça, ela não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades étnicas.

Os autores ressaltam que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. E nesse viés, a permanência dos símbolos étnicos na trajetória, memórias e saberes desse grupo, será de fundamental importância a discussão dessa pesquisa.

Todavia, estudar a etnicidade consiste em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. Ao utilizar-se de atributos por meio dos quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e ao estudo das escolhas táticas e dos instrumentos que acionam para lidar com o jogo das relações étnicas (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998).

Fazendo intersecção aos estudos de identidade, Manuel Castells (1996) diz que a identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Sob este olhar, o conceito de cultura ao ser interiorizada vem historicamente produzindo a identidade, pois, em se tratando de diferença, a identidade precisa da visão do “outro” para promover o “eu”, se tratando do conceito de alteridade, o que gera o pertencimento.

Sendo assim, falamos de identidades diante da ideia da igualdade e da diferença como algo difícil de se compreender, haja vista que somos diferentes e ao mesmo tempo buscamos a igualdade e desse movimento surge preceitos de uma identidade contrastiva e em alguns pontos iguais entre grupos de brasileiros e italianos. E este conceito consiste na afirmação do nós diante dos outros, quando uma pessoa ou um grupo se afirma como tal, o faz como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam pelas diferenças. É como se fosse uma identidade que surge por oposição (Oliveira, 1976).

Essa convivência com a busca da igualdade e a presença da diferença, ocorre através das relações sociais dos grupos étnicos. Para Weber (2006, p. 246), dizer que as identidades são construídas e reelaboradas em um contexto interétnico, no qual os outros grupos têm papel nas atribuições daí resultantes, é dizer que a etnicidade é resultado da interação social. A afirmação da autora destaca a dinâmica complexa na formação das identidades, especialmente em contextos interétnicos e ao afirmar que as identidades são construídas e reelaboradas. Weber sugere que elas não são fixas ou inatas, mas sim moldadas pelas interações sociais entre diferentes grupos étnicos e isso implica que a etnicidade não é apenas uma questão de pertencimento a um grupo, mas também um fenômeno social que emerge das relações e das percepções mútuas entre os indivíduos.

A categoria etnicidade pode ser vista como um processo relacional, onde as identidades são constantemente negociadas e redefinidas em resposta às interações com "o outro". Os grupos não existem em um vácuo, suas identidades são frequentemente formadas em contraste ou em diálogo com outras identidades. Por exemplo, a maneira como um grupo se vê pode ser influenciada por como é percebido por outros grupos, levando a um ciclo de atribuições e reatribuições que moldam tanto a autoimagem quanto a imagem externa. Assim, a etnicidade se torna um campo de disputa social, onde as narrativas, estereótipos e representações desempenham um papel crucial. A construção da identidade é, portanto, um processo dinâmico e contínuo, que reflete não apenas a história e a cultura de um grupo, como também as condições sociais, políticas e econômicas que permeiam as relações interétnicas. Essa compreensão amplia o debate sobre identidade e etnicidade, enfatizando a importância do contexto e da interação social na formação das identidades contemporâneas.

Considerando que a etnicidade e as relações étnicas desempenham um papel crucial na formação das identidades individuais e coletivas, moldam a maneira como as pessoas se veem e se relacionam em um mundo cada vez mais globalizado. A etnicidade refere-se a um conjunto de características culturais, linguísticas, religiosas e históricas que distingue um grupo de indivíduos, enquanto as relações étnicas se referem às interações entre diferentes grupos étnicos e às dinâmicas sociais que emergem dessas interações. As fronteiras de identidade são, por sua vez, construídas a partir de uma combinação de fatores, incluindo a etnicidade, a nacionalidade, a classe social e o gênero. Essas fronteiras podem ser fluidas, mudando ao longo do tempo e em resposta a contextos sociais e políticos. No entanto, também podem ser rígidas, resultando em estigmatização, discriminação e conflitos.

Um dos principais desafios enfrentados nas relações étnicas contemporâneas é a crescente polarização e a ascensão do nacionalismo em várias partes do mundo. Em muitos contextos, a identidade étnica é utilizada como um instrumento de exclusão, levando à marginalização de grupos minoritários e à exacerbação de tensões sociais. A luta por reconhecimento e direitos iguais é uma realidade para muitos grupos étnicos que enfrentam discriminação sistêmica e desigualdade.

Nessa perspectiva, relacional e dialética, a identidade étnica se define por meio das reivindicações identitárias que se definem simultaneamente por aquilo que os

sujeitos reivindicam subjetivamente e por tudo aquilo que lhe é socialmente atribuído, partindo das diferenças e adentrando nas identificações possíveis. Nesse viés, a busca pela manutenção da identidade étnica é uma luta política e social pelas alterizações. Mas que se entende aqui por alterização?

Partindo da perspectiva filosófica, o que se discute em torno da alterização tem a ver com a resposta ética ao problema da totalização e universalização, uma vez que, o sujeito está presente em tal realidade e olha o outro a partir do seu eu e este sujeito se mostra múltiplo, resistindo à reconciliação almejada por princípios de caracterizações ou classificações universais e abstratas. Nessa perspectiva, a identidade parece ser um horizonte de finitude e a consequente sustentação de que as diferenças estão fora de nós.

Entende-se que a construção da identidade sendo individual e única numa dinâmica que parece sem fim, perpassa pelos campos das relações sociais e é diretamente influenciada por este. Cada grupo tem pontos em comum e diferentes ao mesmo tempo e assim, a identidade foi sendo constituída através de um jogo de relações no qual as similaridades, contrastes e diferenças são apresentadas aos sujeitos de maneiras objetivas e subjetivas, fazendo com que estes se vejam em seus pares e se distancie daqueles que consideram diferentes. Para Hall (2004):

A identidade surge não tanto da plenitude de identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas, através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2004, p. 38).

Nesse jogo de identidades, os sujeitos se definem e se diferenciam, através do movimento entre o eu e o outro, sendo reveladas às relações de poder a diversidade dos sujeitos e às interações destes com o meio. De acordo com Hall (2006con), a identidade, nessa concepção, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. A identidade se apresenta então, enquanto uma costura que estabiliza os sujeitos dentro da estrutura social pelo igual e pelo diferente. Assim os sujeitos se projetam e internalizam os significados e valores sociais e os tornam parte de si.

Como dito, na medida em que os atores usam identidades como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do eu individual só é permitida diante do confronto e de contato com o outro que em uma visão expandida se torna o outro em mim, ou seja, a própria identidade étnica é construída a partir desse

movimento entre o eu e o outro. E para categorizar o si mesmo, o outro está em mim já que olho e percebo pela interação.

Todavia, os grupos étnicos neste sentido organizacional apresentam suas fronteiras que se definem como espaços de segregação, de limites ao outro. Essa segregação pode ocorrer de forma física, social ou psicológica, e é frequentemente influenciada por fatores como políticas públicas, preconceitos, e desigualdades estruturais onde as fronteiras às quais devemos consagrar nossa atenção são as fronteiras sociais, se bem que elas possam ter contrapartidas territoriais (Barth, 2011). Porém, a identidade não é inerente ao nascimento, ao contrário, é construída ao longo de nossa existência, a partir das relações construídas e individualizadas pelas narrativas entre o eu e as questões que conseguimos reelaborar continuamente.

O sujeito vai tecendo sentido em perspectiva contínua, nas comunidades que vivem, onde a identidade é, portanto, um processo interminável de interações entre pessoas, resultando na tentativa de ver e romper fronteiras ou fortalecê-las para evitar as proximidades. Ora, construímos identidades em interação com o outro – em contato com a família, a comunidade, a cultura, em espaços diversos e de maneira que adquirimos informações que resultam em subjetividades em jogo dialético, relacional.

Considerando os aspectos objetivo e subjetivo da identidade étnica, numa acepção mais larga, a identidade representa um produto dos processos sociais ao nível das estruturas, dos mecanismos institucionais e das próprias interações sociais entre os indivíduos no seio de cada etnia e na relação de cada uma com os demais (Silva, 2000). Assim, as identidades étnicas se constituem e reconstituem na dinâmica relacional dos sujeitos nas relações sociais que vivenciam e diante das possibilidades definidas pelas estruturas que os rodeiam através de seus mecanismos institucionais.

Pois bem, a identidade étnica se constrói e reconstrói, por meio de diversos processos de reconhecimento, de maneira dialética entre o indivíduo, seu contexto e a sociedade e assim, no processo de constituição identitária o sujeito utiliza de valores, ferramentas intelectuais e recursos que são fornecidos pelas gerações anteriores, através da memória, para viver o presente. Por esta razão, as identidades transitam por gerações e são preservadas na medida em que garantem um reconhecimento no grupo de pertença.

Conforme Hall (2006b), ao mesmo tempo em que se projeta a si mesmo, internaliza significados, valores e concepções estabelecidos culturalmente, torna-se

parte do sujeito em uma relação dialógica que estabiliza nos modos culturais que habitam. A identidade é construída em situações específicas por meio de representações culturais, pois é entendida como um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2014). Ou seja, as identidades provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias e legados estão diretamente relacionadas às trajetórias e contextos de vida de cada sujeito e de seu grupo. Dessa maneira, a identidade é formada a partir de conexões entre padrões culturais, tradições, traços de pertença que demandam ser correspondidos e as interações dos sujeitos com seus contextos, e está intrinsecamente atrelado a sua estrutura social que reflete em suas identificações.

Hall (2016) aponta que, não há identidade que esteja fora da relação dialógica com o outro. O outro não está fora, mas também dentro do Eu, da identidade que se constrói e reconstrói. Destarte, a identidade é um processo intrínseco de ‘Eu e o Outro’. Todo esse movimento de produção das identidades vai além da maneira como vemos o outro e alcança o contraste quanto refletimos como nos enxergamos em relação ao outro, estabelecendo identidades e diferenças.

A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas nas alterizações e na medida em que interagem, aculturam-se, pois, um grupo absorve traços de outros grupos. Italianos e brasileiros se aculturaram pelas alteridades. Esses grupos não são fora de uma leitura cultural e social. Identidades que foram sendo fabricadas no contexto de relações culturais e sociais. “A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva, 2000, p. 76) Nessa visão do autor, as identidades étnicas a partir da oposição, do contraste, da negação de alguns traços que identificam o outro e que por sua vez reafirmam a própria identidade. Os traços que se apresentam, mais visíveis e gritados pelos grupos são traços culturais que podem ser ressignificados ou esquecidos a partir de um contexto.

Esses traços seriam do particular e do geral social, estariam num jogo de relações opostas, mas que se complementariam entre si. Dessa maneira, a identidade étnica emerge como um meio de diferenciação em relação a algum indivíduo ou grupo que se confrontam e se afirmam negando ou aceitando a outra identidade visualizada.

Os estudos de Hall (2004) nos mostram que um fator que contribui para a reconstrução de uma identidade é o sentimento de pertencimento a uma determinada cultura e isso é forte entre os imigrantes. Este sentimento contribui para que o sujeito

busque traços de sua cultura, podendo ser por meio da sua etnia, passando a fazer parte da sua identidade cultural, de hábitos e sendo assim a identidade permanece em um constante processo de fixação. Brah (2006, p. 371), se é certo que as “[...] identidades pessoais sempre se articulam com a experiência coletiva de um grupo, a especificidade da experiência de vida de uma pessoa esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas produz trajetórias que não simplesmente espelham a experiência do grupo”. Brah (2006, p. 371) observa ainda que: “de maneira semelhante, identidades coletivas não são redutíveis à soma das experiências individuais”.

Além disso, é preciso considerar que processos de racialização, tal como os de generalizações, também varia no tempo e no espaço. Grupos fronteiriços e que têm histórias distintas, mas aberto ao diálogo. A aceitação foi boa por parte dos brasileiros e como diz Brah (2006, p. 352) “Racismos têm origem histórica diversa, mas se articulam com estruturas patriarcais de classe de maneiras específicas, em condições históricas dadas, mas são passíveis de respeito das fronteiras. Portanto, as formas como se vivencia e elabora as experiências dentro e fora dos contextos faz parte de um movimento constante que corrobora na construção das identidades. A percepção de sua cor como marcador social, se dá em sua maioria a partir da negação, da diferenciação, diante disso Silva (2000) explica que a identidade depende da diferença, esta depende da identidade, sendo estas marcadas pela indeterminação e instabilidade.

Para entender a construção da identidade brasileira é importante também considerá-la não somente na sua dimensão subjetiva e simbólica, mas, sobretudo no seu sentido político, como uma tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (Munanga,1994).

A identidade certamente é um processo de construção, é efeito, é um processo de produção, é relação, é um ato performativo, é instável, contraditória, fragmentada, inacabada, inconsistente e está ligada a estruturas discursivas e narrativas dentro dos sistemas de representações e tem estreita conexão com às relações de poder (Silva, 2000, p. 96). Ser branco, pardo, negro ou estrangeiro requer uma relação étnica com suas fronteiras e negociações em prol de uma boa convivência.

Sendo assim, a identidade e diferença possuem uma relação de estrita dependência, uma constituindo a outra na diferenciação e tanto a identidade quanto a diferença necessitam ser ativamente produzidas e reproduzidas socialmente, por meio principalmente da linguagem. A identidade pessoal corresponde também às expectativas de seu grupo seguindo a uma normalidade preestabelecida entre grupos que acabaram negociando as suas identidades dentro do processo de aculturação e alterização.

A identidade étnica, dentro dessa perspectiva, é marcada pela diferença e sobrevive a partir dos signos e dos significados e significações atribuídas a estes. De acordo com Cunha (1986), a etnicidade só se aflora, só é mobilizada, em circunstâncias históricas específicas, ou seja, certos contextos sociais e políticos.

Balibar (2002, p. 114) evidencia que toda identidade corresponde a um sentimento de uma comunicação. A língua como um sistema social preexiste a nós e às relações de comunicação são sempre relações de poder, os significados são embutidos na própria língua através de uma extensa gama de significações sociais. Em consonância, Oliveira (1976) afirma:

A definição de um território é um momento essencial para que os indígenas se instituem como comunidade política, construam uma identidade coletiva singularizadora, estabeleçam modos de socialidade e selecionem elementos de cultura que qualificam como efetivamente 'seus' (Oliveira, 1976, p. 279).

Sob o olhar de Oliveira (1976) concorda Castells (1996) quando diz que a identidade é compreendida como “fonte de significado e experiência de um povo”. Nomes, idiomas, culturas que representem distinção entre o eu e o outro e são características de distinção, significando símbolos definidos pelos próprios sujeitos, confirmando que recebemos uma identidade, mas esta passa por um processo de construção social.

Para Hall (2004) a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. A partir desse conceito, para debater questões da identidade étnica na construção do reconhecimento característico de grupos é preciso abordar a etnicidade sob a ótica da organização política local em que a cultura é reelaborada para atender as adequações de políticas públicas e nesse sentido a afirmação étnica surge como importante ferramenta a perpetuação dos elementos culturais que as identificam e diferenciam numa visão do sujeito pós-moderno que Hall (2004) chamou

de "celebração móvel" uma vez que a "identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (Hall, 2004, p. 13).

Nesta premissa, a identidade étnica ocupa lugar emergente em que o sujeito, no caso desta pesquisa são pessoas estrangeiras ou não e se baseiam em suas histórias para situar-se etnicamente. Italianos, portanto, constituem um grupo étnico dentro de uma sociedade mais ampla, mas que atuam como elementos essenciais na construção cultural da comunidade; "[...] um grupo social que no interior de um sistema sociocultural mais amplo, reivindica um estatuto especial em razão de um complexo de traços que ele representa ou presume representar" (Poutignat; Streiff-Fernat, 2011, p. 80). Corroborando com essa mesma perspectiva, as identidades étnicas dos imigrantes e brasileiros alocados no município, estão interligadas nas concepções de si e com o outro e nas relações de convivência em que as "... identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles..." (Barth, 2011, p. 152).

Por isso, ser imigrante é tomar consciência de si, reconhecendo-se e tomando uma nova consciência sob a ótica do respeito às diferenças e do seu lugar no grupo de pertencimento. As histórias desses grupos são atribuídas aos mecanismos de poder hegemônicos que sucumbiram as culturas, vistas como sendo inferiores e isto reflete a maneira como estas se percebem em espaços cotidianos.

Para compreendermos a elaboração identitária desses grupos, consideraremos as percepções de Poutignat e Streiff-Fernat (2011) buscando entender como estas constroem suas identidades no interior de um grupo social em que a pertença a um grupo étnico é questão "de definição social, de interação entre a autodefinição dos membros e a definição exógena e endógena de pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição" (Poutignat; Streiff-Fernat, 2011, p. 142). É preciso trazer para o debate a importância que a comunidade representa para os sujeitos da pesquisa porque é nas relações sociais onde os valores norteadores de suas vidas são construídos todos os dias.

Com isso o conceito de etnicidade tem-se modificado ao longo dos anos. Poutignat e Streiff-Fernat (2011) pontuam:

[...] a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de “traços culturais” (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinária, etc.), transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo (Poutignat; Streiff-Fernart, 2011, p. 11).

Dessa maneira, se compreende que o termo etnicidade possui um significado dialético, bem como o sujeito ou grupo do qual o termo define. Cunha (1986), aponta ainda que etnicidade não deva ser tratada como estudos de cunho biológico – conceito de etnia como raça nem como um conceito de cultura (apenas): há que se estudar a etnicidade em condições mais consistentes e profundas, pois esta é uma via de comunicação, tanto dos elementos que caracterizam determinado grupo como também de troca com outros grupos, propiciados através da linguagem.

A etnicidade é linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas no de permitir a comunicação. Pois como forma de organização política, ela só existe em um meio mais amplo (daí, aliás, seu exacerbamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos), e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e categorias dessa linguagem (Cunha, 1986, p. 237).

Sendo assim, a identidade étnica também é algo em movimento, se estrutura e modifica nas relações multiculturais, “nas quais diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade ‘originais’ (Hall, 2006a, p. 50), construídas na história individual, de grupo e da nação. Para tanto, “traços culturais” são elencados para garantir a distinção entre grupos que estão em contato contínuo na sociedade onde convivem. A diferença é produzida nas relações, assim a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas, onde há diferenciação existe poder. De acordo com Barth (2011):

A cultura está em um contínuo fluxo estruturado e expresso nas interações sociais entre os agentes, o que gera processos de transformação e variação cultural dentro de todos os grupos (Barth, 2011, p 22).

Nos dizeres de Barth, é por meio da cultura que a diferença se estabelece e se reproduz, sendo esta sempre sujeita a transformações, a cultura age sobre os sujeitos através de diversos mecanismos, e os sujeitos agem sobre a cultura resignificando os significados e às significações que lhes são apresentados, produzindo e reproduzindo novos signos sociais.

Ainda em consonância, Barth (2011) elucida que a cultura está sempre em fluxo e em mudança, bem como sujeita às formas de controle. Os humanos são seres individuais envoltos na cultura, como um fluxo em um campo de variação contínua que age sobre os sujeitos e esses sobre ela. Resulta assim, em diferentes processos de lembranças, silenciamentos e apagamentos na constituição da identidade de cada sujeito.

## 2.7 ALTERIDADE NAS RELAÇÕES ÉTNICAS

É importante dialogarmos com a palavra alteridade. Etimologicamente, vem do francês “alterité”, enquanto no Dicionário Michaelis online (2009), a palavra é definida como “caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro”. Portanto, como se pode verificar, ela agrega dois termos fundamentais, a saber: diferença e diversidade. A alteridade é compreendida aqui como o fenômeno que envolve o “eu” e o “outro” em relação de interdependência no mundo, o que explica o modo de existência desse “outro” para o “eu” é a outridade, entendendo a alteridade como fenômeno e a outridade como um modo de existência (Jodelet, 1999).

A compreensão do significado da palavra alteridade é hoje fundamental como paradigma inserido na moralidade dentro das relações sociais. Por isso, a partir da reflexão sobre o conceito de alteridade de autores como Jodelet (1999) destacamos a questão da alteridade que vem sendo tratada há muito tempo em uma diversidade de espaços intelectuais que vão desde a filosofia às ciências ditas humanas e sociais atuais, sendo que a psicologia se destaca no debate pela emergência da abordagem das representações sociais. Estereótipos construídos acerca de grupos estrangeiros e as noções essencialistas de cultura se impõem, às quais negam as alteridades étnicas e as sociodiversidades, ainda são grandes os desafios a serem superados.

Segundo Jodelet (1999), em uma perspectiva que encerra a diferença em si mesma, posto que: “[...] ao designar o caráter do que é outro, a noção de alteridade é sempre colocada em contraponto: 'não eu' de um 'eu', 'outro' de um 'mesmo'” (Jodelet, 1999, p. 48). Destacando a alteridade como “produto de duplo processo de construção e de exclusão social que, indissolivelmente ligados como os dois lados duma mesma folha, mantém sua unidade por meio dum sistema de representações” (Jodelet, 1999, p. 47), a autora defende que sua análise deve compreender tanto os níveis interpessoal quanto intergrupais.

Rolnik (1992) define alteridade como:

[...] o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogenética (Rolnik, 1992, p. 1).

A citação aborda conceitos profundos sobre a interdependência e a dinâmica das relações entre os seres, enfatizando a ideia de que o encontro entre eles não é apenas um evento passageiro, mas sim um processo transformador e inevitável. O "plano das forças e das relações" sugere um espaço onde não só ocorrem as interações, mas onde cada ser é moldado e reconfigurado por essas interações. A noção de que cada ser "afeta e é afetado" implica uma visão relacional do ser, onde a identidade não é uma essência fixa, mas algo em constante fluxo e mudança. Isso está em consonância com a ideia de que a individualidade é, de certa forma, uma construção coletiva e contextual, sempre influenciada por outros e por experiências compartilhadas.

Contudo, a instabilização da forma que resulta dessas interações sugere que as fronteiras entre os seres se tornam mais fluidas, e que a transformação é uma parte inevitável da existência. Essa instabilidade pode ser vista como uma força criativa, que promove a evolução e a adaptação, como também pode trazer desafios, uma vez que transforma o que consideramos como identidade. A alteridade, entendida como a capacidade de reconhecer e respeitar o outro em sua diferença, é um conceito fundamental quando falamos nas relações étnicas, especialmente em sociedades cada vez mais plurais e multiculturais. Este termo, que deriva do latim "alter", que significa "outro", nos convida a refletir sobre a maneira como nos relacionamos com aqueles que são diferentes de nós, seja em termos de cultura, etnia, religião ou qualquer outra característica que nos torne únicos.

Pensamos isso da seguinte forma: nas relações étnicas, a alteridade se torna um aspecto crucial, uma vez que a história da humanidade é marcada por encontros e desencontros entre diferentes grupos. Desde as trocas simbólicas e culturais até os conflitos e as guerras, a forma como as sociedades lidam com a diversidade étnica pode determinar a harmonia social ou a discórdia. Uma característica de todas as relações, a alteridade, coloca-se na amizade como um campo possível de produzir com o outro, um campo que põe em evidência a tensão que o outro introduz aos

encontros, podendo ser completamente excluído ou utilizado como motor dos mesmos. Vemos, assim, que os distintos tratos com a alteridade, indicam a ambiguidade em se relacionar com o outro, seja nas amizades, seja nas inimizades. A compreensão da alteridade entre grupos permite que nos afastemos de uma visão etnocêntrica, que tende a considerar a própria cultura como superior, em direção a uma perspectiva mais inclusiva e respeitosa.

A valorização da alteridade nas relações étnicas envolve, primeiramente, o reconhecimento da dignidade do outro. Isso significa não apenas aceitar a presença do diferente, mas valorizar suas contribuições, saberes e modos de vida. Em muitas culturas, a alteridade é celebrada como uma fonte de riqueza e aprendizado. Por exemplo, o contato entre diferentes etnias pode resultar em um intercâmbio cultural frutífero, onde práticas, tradições e conhecimentos se entrelaçam, enriquecendo a experiência coletiva.

Pontuando esta ideia, a valorização da alteridade não é isenta de desafios quando se trata de grupos distintos com contextos marcados por desigualdades sociais, econômicas e políticas. As relações étnicas podem ser permeadas por preconceitos, discriminações e estigmas, utilizando como exemplo do racismo, que se configura de uma manifestação clara da negação da alteridade, que se traduz na desumanização do outro e na perpetuação de hierarquias sociais. E para combater essas práticas, torna-se fundamental promover a educação para a alteridade, que incentive o diálogo intercultural, o respeito às diferenças e a construção de identidades plurais.

Consideramos nesta pesquisa que a questão dos estudos de alteridade e alterizações étnicas envolve a compreensão das relações entre identidades culturais e a forma como estas se manifestam em contextos sociais diversos. A alteridade, em essência, refere-se à ideia do "outro", ou seja, como percebemos e nos relacionamos com aqueles que são diferentes de nós em termos de cultura, etnia, religião, entre outros aspectos.

Os estudos de alteridade são fundamentais para a antropologia, sociologia e estudos culturais, pois ajudam a desconstruir estereótipos e preconceitos que muitas vezes permeiam as interações sociais. A partir do reconhecimento da alteridade, podemos entender melhor as dinâmicas de poder, opressão e resistência que permeiam as relações entre grupos étnicos e culturais. Por outro lado, as alterizações

étnicas referem-se às transformações que as identidades étnicas sofrem ao longo do tempo, influenciadas por fatores como globalização, migrações, políticas de identidade, e interações interculturais.

Esses processos podem resultar na hibridização cultural, onde elementos de diferentes culturas se misturam, ou em uma reafirmação de identidades étnicas mais tradicionais em resposta a pressões externas. Importantes questões para compreender a complexidade das identidades atuais e os desafios que surgem em sociedades cada vez mais multiculturais. Além disso, eles abordam questões de pertencimento, exclusão e inclusão, destacando a importância do diálogo e da empatia nas relações entre diferentes grupos.

### 3. MARCO METODOLÓGICO

#### 3.1 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Segundo Alvarenga (2014), “deve-se descrever as características reais das situações problemáticas que se deseja investigar, a natureza do problema, o contexto, as circunstâncias da pesquisa, as dimensões cabíveis e se possível, os fatos que os originam”, desta maneira se apresenta o estudo. Diante dessa assertiva, surge a questão norteadora: como se dão os processos de alterizações e construção de identidades nas relações sociais dos grupos étnicos: itiruçuenses e italianos?

#### 3.2 A METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Estudos sobre a metodologia da investigação são importantes e necessários para que se tome conhecimento da configuração do campo de pesquisa, do interesse dos pesquisadores. E nesse campo, para que se identifiquem lacunas que ainda não foram preenchidas pela história e que, parecem esquecidas, indicamos novas abordagens para pensar a temática articulada aos processos de alterização e construção de identidades e assim as maneiras de relacionamento entre imigrantes italianos e itiruçuenses. Com isso, buscamos as pesquisas anteriores, pois estas servem como base para pensar o problema.

Essa pesquisa pela abordagem social é também qualitativa com base na subjetividade dos sujeitos narradores que contam suas histórias, falam das culturas, das famílias e da sociedade, descrita por Minayo e Sanches (1993):

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceito e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social (Minayo; Sanches, 1993, p. 244).

Buscando a dinâmica dos caminhos metodológicos, a combinação da análise documental com a História Oral de Vida oferece uma abordagem mais robusta para a pesquisa, já que a análise documental fornece um contexto e uma estrutura. A História Oral (HO) permite uma exploração mais profunda das vivências pessoais e subjetivas e juntas, essas metodologias podem enriquecer a compreensão de fenômenos

complexos, contribuindo para a construção de narrativas históricas mais inclusivas e representativas, recorrendo ao uso de fotografias, que atuam como subsídio e suporte para a escrita.

Bom Meihy (1996) diz que é impossível apontar um lugar no globo onde as pessoas não estejam fazendo História Oral. Esta metodologia possibilita a busca e captação de informação pelas narrativas pessoais e coletivas de pessoas que viveram eventos históricos nessa comunidade, oferecendo uma perspectiva ampla para análises. Essa prática se fundamenta na ideia de que a memória e a vivência pessoal são fundamentais para a compreensão do passado, permitindo que vozes que costumam ser marginalizadas na historiografia oficial ganhem espaço.

Sem dúvida, uma das principais características da História Oral é a sua ênfase na subjetividade e na vivência dos sujeitos históricos que são os narradores italianos e itiruçuenses. Ao utilizar essa metodologia com entrevistas, as pessoas que vivenciaram acontecimentos significativos, como guerras, movimentos sociais, crises econômicas, entre outros contam suas vivências, cruzando dados com as fotografias coletas durante a pesquisa. Para Le Goff (1990), a fotografia é um documento que fica, que dura, e é testemunho, pois o ensinamento traz significados que podem ser captados. Dessa forma, dá também validade e constatação da veracidade dos fatos e exatidão das datas em que ocorreram, que aliado com a história oral dará suporte para a realização do trabalho.

A partir desse viés, a História Oral é considerada uma história do tempo presente, história viva, normalmente feita em forma de entrevista e transformada em texto escrito, utiliza de depoimentos gravados de narrativas pessoais, feitas de pessoa a pessoa. Tem como amparo Bom Meihy (2005) e Verena Alberti (2004) que trazem de forma clara o trabalho da História Oral. Bom Meihy (2005) categoriza a História Oral em três tipos principais: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. O gênero história oral de vida, incluso na história oral é o principal método utilizado e permite, segundo ainda Bom Meihy (1996), pensar a sociedade em seus aspectos mais íntimos e pessoais através das narrativas, dos relatos e fragmentos de vida de uma única pessoa, seu conjunto de experiências pessoais e intransferíveis. Nessa perspectiva, a história de vida, a partir da história oral, permite uma interação aberta entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa.

Dessa forma, pressupõe-se ser necessário um projeto para a realização da História Oral, tornando a aplicação do questionário semiestruturado que dá espaço para outras falas. Inicialmente houve o levantamento bibliográfico dos marcadores que dão aporte a pesquisa, trazendo reflexões sobre o fenômeno da imigração, as famílias, a identidade e alterizações como categorias para pensar o tema. Neste viés, utilizamos a História Oral de Vida com método e técnica, uma escolha pessoal por tratar da experiência de acesso à memória e lembranças dos indivíduos, dando espaço para a subjetividade, permitindo ainda a liberdade ao narrar, focando na espontaneidade e naturalidade na participação.

Dentro do levantamento teórico proposto, os estudos de Pollak (1992) mostram que no caso das diversas pesquisas de História Oral utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias coletivas. Verena Alberti (1990) relata que a História Oral busca registrar impressões, vivências, lembranças de pessoas que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade, esta permite um conhecimento do vivido muito mais rico e dinâmico de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

No Brasil, a História Oral esteve intimamente ligada ao processo de redemocratização da década de 1980, ao ser utilizado como instrumento de coleta de depoimentos de pessoas que foram torturadas pela ditadura militar (Bom Meihy, 1996). Seu início, portanto, remete à tentativa de construir uma contra história: contra o interdito estabelecido pela história crítica do século XIX, que expulsou a tradição oral do campo científico em proveito das fontes escritas; contra a história oficial "vista de cima" e a favor de uma história "vista de baixo", isto é, de um relato dos vencidos; contra a trilogia acadêmica - estado, história, escrita e a favor de sua própria - revolução, memória, oralidade.

A História Oral assume desta forma, um projeto utópico de democratização da história, recorrendo aos princípios metodológicos da pesquisa de campo, da observação participante e da abertura interdisciplinar. Interpretações dos relatos, mas em procedimentos metodológicos e técnicos, além da responsabilidade pessoal do pesquisador em assegurar a capacidade de desvendar as vivências e relações humanas, atendo-se, sobretudo à dimensão ética do lugar que ocupa. Percebem que o processo de relembrar é um meio de explorar os significados subjetivos da

experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual, e que cada história de vida interliga evidências tanto objetivas quanto subjetivas. A pluralidade de versões do passado que podem ser fornecidas por diferentes interlocutores pode ser um recurso útil e interessante, ao invés de ser tomado somente como um problema quando se tenta descobrir uma única história, fixa e recuperável.

Devemos considerar ainda que a História Oral trabalha com a responsabilidade de se obter um registro a ser guardado, muitas vezes de fatos que nunca foram narrados, ou guardados como “acervo pessoal”. Permite a transformação para documentos oficiais a serem utilizados pela historiografia, como conceituado por Bom Meihy (2005):

A História Oral responde à necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram os dilemas e as benesses da vida no presente. Sua versão do processo, porém, deve ser um legado de domínio público (Bom Meihy, 2005, p. 24).

Para esse trabalho de pesquisa, foi necessário recorrer às narrações como procedimento importante, pois através da oralidade a pesquisadora conseguiu angariar dados novos e importantes que não são encontrados registrados em escritos, já que muitos pioneiros imigrantes, assim como itiruçueneses que haviam convivido já faleceram e algumas informações ainda estão nas gerações presentes. E segundo Thompson (1992), a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se como um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também, descobrir e valorizar a memória do homem.

É utilizada também uma abordagem hermenêutica, pois na História Oral de Vida torna o participante o protagonista ao contar suas vivências e dessa forma, podemos pensar, interpretar a relação entre o eu e o outro, mergulhando na história do sujeito para gerar a compreensão. Conforme os pensamentos de Verena Alberti (2003) é “vivenciar outras existências” (2003, p. 2): “[...] o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência”. Nesse contexto, a História Oral de Vida se mostrou como caminho de melhor aplicabilidade da pesquisa por considerar que a experiência de relatar fatos do cotidiano vivido, através da escuta de histórias de vida de moradores e antigos imigrantes proporcione uma maior

compreensão de como se dá o processo de interação e alterações nas quais esses grupos estão inseridos e em seguida refletir como vêm construindo suas identidades étnicas.

Não obstante, defende Marconi e Lakatos (2003) que a história de vida é uma narrativa em torno de determinado fatos ou fenômenos, nos quais se evidenciam valores e padrões culturais, é um relato da experiência individual que revela as ações do indivíduo como um agente humano e como participante da vida social.

Ao refletirmos sobre estes tópicos em metodologia científica, somos levados ao entendimento dos fatores que configuram o cerne da pesquisa. Observamos que o problema, as hipóteses e as variáveis são etapas que se inter-relacionam. Além disso, o quadro teórico aponta que uma especial atenção nestas fases conduz a um caminho seguro para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado. Vale destacar a importância deste estudo, pois possibilita ao pesquisador atuar de forma crítica, consciente e concisa.

As ciências se caracterizam pela utilização de métodos científicos, e encontramos vários conceitos de Método, conforme Lakatos (2003). Método é o “caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado”. Vamos utilizar as narrações como caminho metodológico desta pesquisa.

A partir da História Oral que é um conjunto de procedimento iniciando com a elaboração de um projeto e continua com estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas a comunidade de destino é constituída de pessoas que vivenciam a velhice institucionalizada. Como Verena Alberti relata a velhice é uma experiência vivida para o idoso se encontrar em um momento em que várias histórias se acumularam ao longo de sua vida, são essas histórias que afirmam o seu modo de ser, de ver a vida e de se relacionar com os outros, e que o tornam testemunha e guardião das memórias de nossa sociedade.

### 3.3 ÁREA DE ESTUDO

O campo de estudo situa-se no município de Itiruçu situado no Sudeste da Bahia a 329 km da capital Salvador, cuja população chegou a 10.999 pessoas no Censo do IBGE no ano de 2022. Local que entre os anos de 1950 e 1952 recebeu cerca de 21 famílias vindas da Itália, após Segunda Guerra Mundial devido à escassez

que assolou sua terra natal, encontraram nesse pequeno município do interior do estado da Bahia uma chance de reconstruírem suas vidas a partir de propostas do governo local.

Figura 12 – Itiruçu-BA



Fonte: Abreu (2006)

O município contém 313,707 km<sup>2</sup> de área territorial e densidade demográfica de 40.46 habitantes por km<sup>2</sup>. A altitude média da sede municipal é 820 metros. Tem como municípios vizinhos Lajedo do Tabocal ao Norte, Jequié ao Sul, a Leste com Jaguaquara e a Oeste com o distrito de Lafaiete Coutinho.

### 3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O perfil dos entrevistados nesta pesquisa é composto por quatro imigrantes, descendentes e quatro itiruçuenses que possuem uma rica história de interação com o grupo em estudo, seja por meio de suas próprias experiências pessoais ou pela herança familiar que carregam. Alguns deles são descendentes de 3 geração que continuam na região, contribuindo para a formação da identidade local e a diversidade cultural da comunidade.

Esses entrevistados representam uma variedade de idades e ocupações, mas todos compartilham um traço comum: a valorização das tradições transmitidas de geração em geração. Para alguns, a ligação para marcar horário objetiva organizar ideias pelas memórias e muitos dos entrevistados mostraram dispostos a falar, embora as ideias pareçam estar prontas para socialização, o que representou ponto positivo para o estudo. Essa conexão com dois grupos foi essencial para registrar como aconteceu o processo de interação e alterização entre imigrantes e itiruçuenses. Os entrevistados frequentemente mencionam a cooperação comunitária e pelas informações herdadas de gerações passadas, contam as trajetórias de relações entre os grupos. Em suma, o perfil dos entrevistados (italianos e itiruçuenses) revela um profundo laço entre eles, entrelaçando vivências e trajetória.

### 3.5 INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Torna-se fundamental garantir a ética na coleta e análise de dados, respeitando a privacidade dos participantes, obtendo consentimento pelo conselho de ética da UESB, informado e evitando vieses que possam comprometer a integridade da pesquisa. Esses instrumentos e técnicas são essenciais para garantir que as investigações sejam rigorosas, válidas e confiáveis, contribuindo para a geração de conhecimento e informações que podem ser aplicadas em diversas áreas.

Considerando as relações étnicas presentes, esta pesquisa tem como base a técnica de uma entrevista não prolongada que apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo ou uma organização. Bom Meihy (1996) se preocupa com as experiências e interpretações dos participantes alertando que o sigilo dos nomes evita desvaneios e percalços, permitindo reconstruir discursos cotidianos, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte.

Brêtas (2000) define a história oral como método e técnica que recorre ao uso da entrevista marcada para dar voz as lembranças de sujeitos e através da singularidade de seus depoimentos, construir e preservar a memória coletiva (Thompson, 1992; Bosi, 1987 *apud* Duarte, 2004, p. 215):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos

modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (Thompson, 1992; Bosi, 1987 *apud* Duarte, 2004, p. 215).

Nesse caso, é utilizado o roteiro de entrevista tendo como base os objetivos a serem alcançados através da conversa entre os colaboradores e perguntas pré elaboradas mas que dão margem a outros diálogos que vão surgindo naturalmente, através das três figuras importantes: o entrevistador, o entrevistado e a forma de gravação, como descreve Bom Meihy (2005):

História Oral (HO) é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um pretejo e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia\*) a ser entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Bom Meihy, 2005, p. 17).

Um método de investigação com aplicação de 7 perguntas semiabertas que buscam apreender os efeitos de uma experiência na vida de pessoas que tem a função tanto de guia em direção a um objetivo pré-estabelecido, quanto de nos apontar um porto de partida de onde saímos para realizar a busca. É neste sentido que consideramos a História Oral tanto como um método de pesquisa (caminho a ser percorrido), como proposta de intervenção (ponto de partida). Ele funciona como uma plataforma que nos permite o acesso a narrativas de vida, como também nos propicia que possamos recontá-las. Neste sentido, utilizamos a História Oral não apenas como método de pesquisa, como comumente é utilizado no meio científico, mas como um método para a prática profissional do por ser capaz de provocar a condição para que a experiência narrativa possa emergir e ser recontada.

Não há dúvida de que na entrevista permite o registro de uma quantidade diversificada de narrativas de experiência de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e a histórias de vida provenientes de diferentes grupos sociais. Na medida em que se entende esse pluralismo como democracia, pode-se seguramente afirmar que a instituição do campo da história oral foi um passo importante no sentido da democratização do registro e do acesso as narrativas de experiência pessoal. Mas isso não nos autoriza ainda, a meu ver, a falar de democratização da história.

Em primeiro lugar, a possibilidade de realizar entrevistas não exige o pesquisador da interpretação e da análise do material colhido. É certo que na escala social costumam deixar mais registros pessoais como falas de pessoas que contam suas experiências e anotações de vida. Sob este olhar, é possível admitir que entrevistas se situam como campo que vai privilegiar a pluralidade de registros de visões de mundo e experiências de vida de pessoas que vivenciam o tema. Essa circunstância leva, contudo, a uma curiosa conclusão: a história oral é uma compensação para a capacidade do lembrar para não esquecer.

Lüdke e André (1986) acreditavam que a entrevista permite momentos de interação, o que é um diferencial em relação a outros instrumentos de pesquisa como a observação unidirecional ou aplicação de questionários que, em geral, estabelecem uma certa hierarquia. Sob essa perspectiva, a entrevista, deve ser organizada de forma que aconteça da maneira mais confortável possível para os envolvidos. Essas entrevistas são realizadas de maneira individual, e ao iniciá-las são expostos aos participantes os objetivos e as perspectivas da pesquisa, deixando-os à vontade para falar.

O procedimento de tratamento das entrevistas compreende, como sugere Bom Meihy (2005), três procedimentos: transcrição, textualização e transcrição de falas com textos de quem interpreta hermeneuticamente - etapas complementares que se referem respectivamente a: transcrição: processo rigoroso, longo e exaustivo de passagem inicial do oral ao escrito neste marco analítico, pois que lê sempre interpreta a seu gosto. Para alguns pesquisadores, trata-se de operação de caráter puramente técnico, por vezes relegado a outros, mas é ato de dedicação.

Na segunda etapa ocorre a textualização: etapa na qual as perguntas da pesquisadora são retiradas ou adaptadas às falas das colaboradoras. E em seguida parte-se para a transcrição, etapa que se refere à incorporação de elementos extratextuais na composição das narrativas das colaboradoras. Procura-se recriar o contexto da entrevista no documento escrito.

Em geral, a aplicação desse tipo de entrevista aberta, qualitativa, requer um tempo organizado cuidadosamente. Por isso, o número de pessoas a serem entrevistadas foi selecionado pelo critério de estar no grupo de imigrantes ou itiruçuenses. Em contrapartida, a entrevista semiaberta pode fornecer uma quantidade de informações muito maior do que o questionário fechado.

Verena Alberti (1990) afirma que a História Oral pode ser entendida como um método de pesquisa histórica e antropológica, que privilegiando a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, se aproxima do objeto de estudo. Para Alberti (2003) o campo da História Oral é acentuadamente capaz de captar muitas informações, pois o entrevistado lança mão de lembranças de um passado vivido.

Dessa forma, houve os registros das impressões, vivências, lembranças de pessoas que se dispõem a compartilhar memórias organizadas de acordo com o lembrado. Lançadas as questões (Roteiro de Entrevistas, APÊNDICE B), estas foram previamente formuladas e feitas aos entrevistados em ambiente agendado previamente. São elas:

Pergunta 1- Poderia me contar um pouco sobre sua história dentro do contexto da imigração em Itiruçu?

Pergunta 2- Como foi o processo de recebimento dos imigrantes pelos itiruçuenses?

Pergunta 3- Em sua opinião houve tensões e conflitos entre italianos e itiruçuenses?

Pergunta 4- Quais foram os maiores desafios enfrentados pelos imigrantes quando adentraram no município de Itiruçu?

Pergunta 5- Percebeu alguma diferença entre as famílias?

Pergunta 6- Quais as diferenças entre os grupos e como interagiam?

Pergunta 7- Percebe o legado deixado pela relação entre esses dois grupos para a cultura de Itiruçu?

Ecléa Bosi (1979) desenvolveu conceitos sobre memória e a relação entre a narrativa e a construção da identidade e segundo sua perspectiva, as perguntas feitas aos entrevistados durante uma entrevista podem atuar como gatilhos que evocam lembranças e experiências passadas, permitindo que os indivíduos reconstruam suas histórias de vida. A forma como as perguntas são formuladas pode influenciar a profundidade e a qualidade das reminiscências, além de facilitar ou dificultar o processo de recordação. Ao explorar as memórias, os entrevistadores têm a oportunidade de captar não apenas os fatos, como as emoções e significados que as experiências do relembrar possibilitam.

## 4. MARCO ANALÍTICO

*“Fisicamente, habitamos um espaço, mas sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo”.*

*Palavras para uma cidade – José Saramago*

### 4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através de suas histórias e experiências vividas e lembradas, foi possível traçar um panorama da rica tapeçaria cultural que os relatos trazem, reforçando a importância de reconhecer e valorizar a herança do imigrante e do povo itiruçuenses que continuam a influenciar as identidades locais. A coleta de informações aconteceu como dito, através da entrevista semiestruturada com 7 (sete) perguntas para 4 (quatro) de famílias brasileiras e 4 (quatro) pessoas de família italiana, deixando campo semiaberto para que os mesmos narrem suas histórias de vida, possibilitando traçar um panorama acerca das principais características (Quadro 1).

Quadro 1 – Perfil dos Narradores Colaboradores da Pesquisa – Itiruçuenses

Colaboradores da Pesquisa	Idade	Sexo
Narrador 1	81 anos	masculino
Narrador 2	84 anos	feminino
Narrador 3	75 anos	masculino
Narrador 4	35 anos	feminino

Fonte: a autora (2025)

A pesquisa realizada com os itiruçuenses revela um rico mosaico de histórias, experiências e vivências que compõem a identidade cultural e social da cidade de Itiruçu, localizada no coração da Bahia. Os narradores colaboradores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), antes de iniciar as

narrativas. Observou-se que os colaboradores que se dispuseram a compartilhar suas histórias, representam uma diversidade de perfis que enriquecem o panorama da pesquisa. São pessoas que tiveram interação com os imigrantes, contando também com a participação de uma pessoa que teve acesso as histórias dessas pessoas. Destacam-se as faixas etárias próximas da maioria dos narradores, pois carregam consigo uma bagagem de experiências e tradições que ajudam a construir a memória coletiva desses grupos. Essa proximidade etária é fundamental para a compreensão da temática.

Durante as entrevistas, observamos nos entrevistados a vontade de narrar e compartilhar histórias que é um testemunho da resiliência e da adaptabilidade de ambos os grupos ao longo dos anos. Os narradores também enfrentam desafios como priorizar alguns aspectos, pois quando se trata de acessar lembranças, estas surgem naturalmente.

Michael Pollak (1989), em seu ensaio denominado Memória, Esquecimento, Silêncio, dialoga com essa questão e compreende a relação do homem com o passado em meio a conflitos entre a dimensão de narrar a própria história, onde o passado e o presente transitam juntos o tempo todo, por isso, devolvendo ao idoso a condição de guardião para segurar um sentido social à medida que passa a se sentir parte do ambiente em que vive, por meio da exposição de suas experiências pessoais.

Os narradores colaboradores da comunidade italiana residem em Itiruçu e representam um segmento importante e diversificado em nossa análise, sendo 3 moradores antigos e 1 descendente itiruçuense mais jovem que convive na comunidade. Com uma rica tradição cultural e um histórico de migração que remonta a várias décadas, esses indivíduos trazem consigo uma variedade de experiências e perspectivas que enriquecem o entendimento do fenômeno estudado (Quadro 2).

Quadro 2 – Perfil dos Narradores Colaboradores da Pesquisa – Italianos

Colaboradores da Pesquisa	Idade	Sexo	Geração
Narrador 1	88 anos	feminino	1 geração
Narrador 2	83 anos	feminino	1 geração
Narrador 3	84 anos	feminino	1 geração
Narrador 4	44 anos	feminino	3 geração

Fonte: a autora (2025)

Questões como a assimilação cultural, o recebimento e tensões entre grupos perda de tradições e a busca por pertencimento em um mundo em constante mudança são temas recorrentes em seus relatos. Esses desafios, no entanto, são frequentemente acompanhados por narrativas de superação, que ressaltam a força da comunidade em manter vivas suas raízes.

Os narradores também apresentam profissões variadas: Há agricultores, donas de casa, professores e comerciantes, cada um trazendo sua visão única sobre o cotidiano da vivência entre italianos e itiruçuenses. Essa pluralidade de vozes é crucial para entender como diferentes setores da sociedade local interagem e se influenciam mutuamente, revelando as nuances da vida comunitária.

Para Bosi (2003) a memória é tratada como uma forma de recuperação de acontecimentos e como um mecanismo de resgate de identidade. Utiliza o conceito de enraizamento, no qual compreende o impacto da relação da memória com elementos que constituem contexto, e que permite sua construção e manifestação. Para ela, relembrar a história é uma forma de aprender e constituir o presente e a si mesmo. Escutar uma história de vida pode ser um mecanismo de compreensão de ideologias que unem ou diferenciam grupos sociais.

Essas narrações permitem uma troca de saberes que vai desde as memórias dos imigrantes originais até as experiências contemporâneas dos descendentes que crescem em um contexto multicultural. Os narradores colaboram com uma visão que revelam a importância de viver as relações interpessoais. Além disso, muitos

narradores expressam um profundo apreço pela cultura italiana, que se revela como um elo fundamental entre grupos.

A motivação para participar da pesquisa varia entre os colaboradores. Alguns buscam preservar a memória de seus antepassados, enquanto outros desejam compartilhar suas experiências como uma forma de fortalecer a identidade cultural. Nessa concepção, entendemos que a História Oral é mais do que uma mera narrativa dos fatos sucedidos, é uma ciência e arte do indivíduo que visa aprofundar, por meio de conversas com pessoas, as experiências e memórias individuais e o impacto que estas tiveram na vida de cada uma (Portelli, 1997). Trata-se dos processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público, seja como forma de diálogo com a sociedade, extrapolando os limites da academia, seja como forma de denúncias sociais, revelando diferentes versões do passado (Quadro 3).

Quadro 3 – Pergunta 1: Poderia me contar um pouco sobre sua história dentro do contexto da imigração em Itiruçu?

(continua)

Colaboradores da Pesquisa	Narração de italianos
Narrador 1	<p>Através do acerto do governo italiano com o brasileiro, surgiu pra nós a conversa de que viríamos para o Brasil, eu tinha 14 anos, estávamos recomeçando lá após a Guerra que acabou em 1944, já tinham se passado 6 anos. Meu irmão mais velho e meu tio que tiveram a iniciativa, meus irmãos não queriam vir, como nosso pai já havia falecido eram os chefes de família, eles incentivaram a vinda.</p> <p>Meu irmão Bruno já estava empregado em uma vidraçaria no centro da cidade, minha irmã também já estava trabalho e meu irmão mais novo já estava estudando há um ano em outra cidade, para sair de lá formado. A gente pega um menino de 10 anos e tira isso tudo.</p> <p>Minha mãe recebia pensão, eu já ia começar a trabalhar, não tinha necessidade de vir, ai “desmancharam tudo”.</p> <p>A gente chega em um lugar estranho, com boatos de italianos que já haviam vindo e não gostaram da experiência, eles disseram: “eu morei anos no Brasil e voltei pobre, lá não se faz futuro”, “lá so tem casa de palha”. Eu dizia “Meu Deus do céu, como é que pode, a gente vai morar numa casa de palha, não é possível”.</p> <p>Quando chegamos no federal, perto da colônia, vi as casinhas de tijolo, pensei: “não vamos morar em casa de palha, acho que a nossa também é de tijolo”.</p> <p>Quando chegamos na colônia a casa era de madeira, muito pequena, erámos 10 pessoas, não dava na casa, tinha um barracão, os rapazes dormiam no barracão, que era para colocar produtos da roça, tivemos que arrumar camas para meus irmãos e meus primos. Dormíamos eu, minha mãe e minhas irmãs e meus tios e seus outros filhos, todos em um quarto só.</p> <p>A família no meu marido não precisava vir, eles estavam bem, tinha terra, cultivo, oliveira, vinhedo, tinha tudo, mas invoca para vir para o Brasil. O pior foi deixar meus avós, que moravam com a gente, morava todo mundo junto.</p>
Narrador 2	<p>Meu pai era proprietário de um pedaço de terra, deixou com um tio com a condição de que se não desse certo, voltaríamos.</p> <p>Já saímos com destino pronto.</p> <p>O que deixamos lá era bem pior, saímos de lá apavorados após a guerra. Tivemos que sair de casa, porque os alemães colocaram a gente para fora e nós fomos pedir ajuda a alguém que pudesse dar uma fazenda ou algo para trabalharmos.</p> <p>Após 5 anos da guerra que viemos, já estávamos recomeçando, meu pai trabalhava na reconstrução do aeroporto.</p> <p>Primeiro vieram os chefes de família, depois as famílias.</p> <p>Na minha família veio meu irmão e depois nós viemos, 7 a 8 meses.</p> <p>Vimos de trem, descemos em Jaguaquara, com o caminhão viemos para Itiruçu e foram deixando igual “boiada”, deixava um ali, andava mais um pouco deixava outro.</p> <p>Muita gente desistiu, não tinha energia, água, asfalto, escola.</p>

Colaboradores da Pesquisa	Narração de italianos (conclusão)
Narrador 3	<p>Quando a Guerra acabou funcionaram uma cooperativa e quem queria da Itália poderia sair, porque na Guerra era proibido, pois quando o governo chamava tinha que ir.</p> <p>Eu tinha 10 anos quando meu pai veio pelo Brasil, porque primeiro vieram os homens no mês de abril, no mês de novembro nós viemos no navio Conte Biancamano, vieram as famílias. Foram três colônias: Jaguaquara, Boa União e Rio Seco. Os homens ficaram do mês de abril até dezembro sozinhos, cozinhavam, comiam, lavavam roupas.</p> <p>Teve uns homens que vieram primeiro e chamaram outros homens da Itália para virem, fizeram o cadastramento e vieram junto com as famílias, junto com a gente.</p> <p>Meu pai dizia que iria em qualquer lugar, até trabalhar a dia, mas não aguentava mais na guerra, ficou 5 anos na guerra, no campo de concentração, viu vizinho morrer, mas não contava pra família.</p> <p>Minha vó ficou muito sentida, a mãe de minha mãe, ela chegou a correr atrás de meu pai para não vim.</p>
Narrador 4	<p>História de vinda sem bens e família abalada pela guerra, mas como eram pessoas simples na Itália, acabaram se adaptando com dificuldade desde a chegada de Salvador até quando vieram para Itiruçu.</p>

Fonte: a autora (2025)

Sob o olhar de Bosi (1979), a narrativa dessa saída é composta daquilo que foi lembrado, de saudades e esperança de dias melhores como foi narrado, circunstâncias revividas por narradores que se emocionavam ao contar as histórias da saída e chegada. E esta memória está sujeita a esquecimentos e silencia mentos; por isso mantém um vínculo estreito com a memória dos idosos que são, mediadores entre a geração atual e as testemunhas do passado.

Os italianos contam como saíram e o que deixaram para trás: família, amores e amigos. O que gerou um forte sentido de saudade e, em alguns casos, a promessa de retornar. Considerando as entrevistadas citadas acima, vemos que as expectativas eram imensas, as histórias da chegada à nova terra são inúmeras e repletas de emoções em terras novas. Os relatos transmitem um marco de esperança e incertezas. As ondas do mar carregavam não apenas os corpos, mas também os sonhos de um futuro melhor. Ao desembarcar em Salvador, a sensação de estar em um lugar desconhecido se intensificava.

Segundo relatos, os dias no prédio de imigração eram um misto de ansiedade e expectativa aumentava cada dia mais. A cada conversa, cada olhar trocado, surgiam novas histórias e novos destinos. E então, a jornada exaustiva até a cidade prometida começava. A recepção calorosa dos que já estavam ali, embora reconfortante, não

apagava a estranheza que permeava o ar. A comida, os aromas e os sabores eram distintos. A língua, com seus sons e ritmos diferentes, soava como uma melodia desconhecida, cheia de nuances que se entrelaçavam em conversas que pareciam distantes.

São histórias e memórias nostálgicas de um povo sofrido pós guerra e os relatos sobre a vida na Itália, as dificuldades enfrentadas e as esperanças para o futuro foram transmitidas de geração para geração, refletindo nas identidades. A imigração fez com que os italianos reavaliassem sua identidade cultural, criando uma nova mistura de tradições italianas com as influências do novo país (Quadro 4).

Quadro 4 – Pergunta 1: Poderia me contar um pouco sobre sua história dentro do contexto da imigração em Itiruçu?

(continua)

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	<p>Quando eles chegaram eu era novo, tinha 7 anos, a primeira família brasileira que eles conheceram foi a de meu pai Fortunato da Guarda, eles iam pra lá todo domingo. Eu morava na região do Morro Grande e fazia divisa com a Colônia Bateia, através de uma família que eram setores da comunidade: na feira livre, nos estabelecimentos comerciais, na escola, na Igreja, nos festejos religiosos, no clube e nas festas sociais, nos jogos de futebol aos domingos, nos lotes onde moravam, nas festas de aniversário e casamento que faziam entre eles e nos convidavam a participar e, raramente, nos sepultamentos, quando morria um deles. Não obstante as inúmeras dificuldades nos primeiros anos de convivência, como e principalmente o idioma, que apesar de ser da mesma raiz latina, na prática tornava-se bastante difícil a comunicação, até mesmo entre eles, porque vieram de regiões diferentes da Itália nas quais falavam dialetos diferentes, houve um perfeito entrosamento entre brasileiros e colonos, haja vista a empatia dos brasileiros para com os irmãos italianos que acabavam de chegar de terras longínquas além-mar. A cidade de Itiruçu era distrito de Jaguaquara e tinha apenas quinze anos de emancipada, quando chegaram os primeiros imigrantes, praticamente fui criado junto aos filhos dos irmãos italianos.</p>
Narrador 2	<p>Logo nos primeiros anos, a partir de 1950, ainda criança, tivemos oportunidade de estar com os colonos italianos nos diversos setores da comunidade: na feira livre, nos estabelecimentos comerciais, na escola, na Igreja, nos festejos religiosos, no clube e nas festas sociais, nos jogos de futebol aos domingos, nos lotes onde moravam, nas festas de aniversário e casamento que faziam entre eles e nos convidavam a participar e, raramente, nos sepultamentos, quando morria um deles. Não obstante as inúmeras dificuldades nos primeiros anos de convivência, como e principalmente o idioma, que apesar de ser da mesma raiz latina, na prática tornava-se bastante difícil a comunicação, até mesmo entre eles, porque vieram de regiões diferentes da Itália nas quais falavam dialetos diferentes, houve um perfeito entrosamento entre brasileiros e colonos, haja vista a empatia dos brasileiros para com os irmãos italianos que acabavam de chegar de terras longínquas além-mar. A cidade de Itiruçu era distrito de Jaguaquara e tinha apenas quinze anos de emancipada, quando chegaram os primeiros imigrantes, praticamente fui criado junto aos filhos dos irmãos italianos.</p>
Narrador 3	<p>Era adolescente quando eles chegaram, eu morava na Zona Rural (região do Morro Grande), a fazenda do meu pai era ao lado do meu avô, ele retirava leite para vender e os italianos iam comprar. Através desse contato fui desenvolvendo amizade com as crianças da minha idade, onde saíamos para brincar.</p> <p>Após alguns anos me mudei para Itiruçu e me casei, e meu marido começou a trabalhar com os italianos, inicialmente ainda na colônia e depois na rua. Onde desenvolvemos relações de carinho e aproximação com essas famílias. Aos domingos frequentávamos as suas casas e criamos relacionamentos, com bom convívio.</p>

(conclusão)

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 4	São muitas histórias que ouvi dessa chegada desde a saída de diversos pontos da Itália, a viagem no navio, a chegada em Salvador e os dias no prédio de imigração até a vinda exaustiva para a cidade, onde aqui havia uma recepção, porém tudo era diferente: comida, língua, costumes, mas eles se esforçavam muito para essa adaptação. Uns voltaram, mas a maioria ficou. Eram desconfiados, mas alegres e se esforçaram para se adaptar e fazer amizades aqui na cidade apesar da dificuldade da língua, mas muitos compreendiam por causa do espanhol falado na Europa. Contam as histórias de luta, de arados do campo, de economias, de investimentos na educação dos filhos e assim por diante.

Fonte: a autora (2025)

As lembranças, por sua vez, apresentavam um universo igual em relatos da chegada e dos processos de adaptação e acomodação diante de olhares, gestos captados, revelando a chegada à terra acolhedora e o esforço do grupo nesta adaptação com brasileiros residentes no município e diálogo com os demais companheiros que foram deslocados para a outra colônia em Jaguaquara. Foram 21 famílias para cada colônia.

E assim, entre desafios e descobertas, essas histórias se entrelaçavam, formando um tecido rico de vivências, que falava sobre a coragem de recomeçar e a beleza em acolher. A jornada que começou em um navio, se transformava em uma nova vida em terras baianas, onde cada dia era uma oportunidade de aprender e se conectar com o novo. Uma questão aí se destaca: como os italianos perderam tudo na guerra, ter 40 hectares de um lote representava um começo sem traumas de violência. É importante considerar que a identidade do indivíduo é posterior a memória, segundo Pollak (1992):

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em reconstrução de si (Pollak, 1992, p.204).

O autor defende que a identidade só existe graças à memória que se traz e que se tece e assim é possível afirmar que a identidade italiana presente nas falas dos

entrevistados foi construída pelas lutas em família e o que segundo Pollak (1992), é memória herdada.

O processo de recebimento do grupo pelos itiruçuenses foi caracterizado por uma calorosa acolhida planejada pela população local e órgão do governo. Nos trechos das falas acima, vemos como os entrevistados se recordam do acolhimento pela comunidade brasileira de forma muito receptiva, demonstrando hospitalidade e entusiasmo (Quadro 5).

Quadro 5 – Pergunta 2: Como foi o processo de recebimento do grupo pelos itiruçuenses?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de italianos
Narrador 1	<p>Foi muito bom. Tinha uns que ficavam com pé atrás. Mas a maioria recebeu muito bem. Tudo o que tinha em Itiruçu os italianos estavam no meio, eles tinham o prazer de convidar. E o que os italianos faziam convidavam as pessoas mais chegadas de Itiruçu.</p> <p>Seu Juca Nunes tinha uma venda que tinha tudo o que a gente precisava e eles nos deixava comprar na caderneta, para pagar no final do mês ou quando tivesse dinheiro, ele facilitou muito para a gente.</p> <p>Eu fiz amizade com todo mundo. Itiruçu em peso. Em loja, comércio. Dona Xixi tinha uma loja, eu comprava e ia pagando, se eu quisesse comprar a loja toda compraria, tinha confiança.</p> <p>Tinham boa vontade e carinho com a gente.</p> <p>Eu toda vida fui bem tratada, minha família foi bem tratada, meus filhos foram bem tratados, até hoje, muita amizade, muita coisa boa, muito entrosamento. Meus genros e noras todas brasileiras. Meus netos tem sangue italianos mas são brasileiros.</p> <p>É bonito dizer que Itiruçu recebeu os italianos.</p>
Narrador 2	<p>Foi o melhor possível, a cidade inteira.</p> <p>A gente não tem queixa.</p> <p>O tratamento dos brasileiros foi inesperado, foi muito bom, é um povo alegre.</p> <p>Apagou 80% do sofrimento.</p>
Narrador 3	<p>Foi bom. Todo mundo gostava da gente.</p>
Narrador 4	<p>Sempre minha família conta esse momento de chegada dos imigrantes e o grupo que apoiava eles. Esses casos se tornam parte da identidade familiar, transmitidas de geração em geração, e ajudam a preservar a memória coletiva da família. Elas podem servir como um lembrete da força e da determinação necessárias para enfrentar as adversidades.</p>

Fonte: a autora (2025)

A interação entre os visitantes e os moradores locais pode fortalecer laços comunitários, promover turismo e incentivar a troca de saberes, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural da região. Essas ações reforçam a identidade local e a importância da comunidade na valorização de sua cultura e tradições.

Em abordagens mais recentes nestas entrevistas, podemos ver que a identidade não é vista como um conjunto de traços psicológicos que caracterizam um indivíduo ou um grupo de forma igual, mas como uma construção interativa alcançada através de um esforço e criação de estratégias de sobrevivência (De Fina, 2007, p 69). As identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; e por se ter de estar em contato com gente diferente, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, construir novo mundo de símbolos no seu interior demanda perseverança e força de vontade e era o que não faltava a esse grupo de desbravadores. Nas falas do Quadro 6 os itiruçuenses contam esse recebimento.

Quadro 6 – Pergunta 2: Como foi o processo de recebimento do grupo pelos itiruçuenses?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	Lembro desses momentos que foram marcados pela luta para se adaptar a uma nova cultura, o aprendizado de uma nova língua e o esforço para construir uma nova vida em um ambiente desconhecido.
Narrador 2	Os imigrantes trouxeram consigo tradições, receitas e costumes que foram se entrelaçando com os da população local. As feiras começaram a ganhar novas cores. As famílias italianas rapidamente se estabeleceram, muitas vezes trabalhando na agricultura e na construção de seus lotes que estavam sendo recebidos.
Narrador 3	Como eu era muito jovem, não me recordo dos detalhes. Porém lembro que ouvia-se falar da preparação para a vinda dos italianos, que viriam através de navios, com muitas crianças.
Narrador 4	Sempre ouvi as histórias de luta e superação desse povo, que mesmo sofridos vinham com a esperança brilhando em seus olhos e sonhos de prosperidade em seus corações. Traziam simplicidade nas roupas e linguagem bonita.

Fonte: a autora (2025)

Nessas construções da memória pelas lembranças, vemos a constituição da identidade de um grupo, algumas construídas a partir de lutas e conquistas de espaços das memórias, como é o caso das relações entre grupos distintos que estão em espaços próximos. Pollak (1992) pontua que:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (Pollak, 1992, p. 204).

Lembranças retidas ou herdadas que estão sendo acionadas na medida em que cada pergunta é feita durante as entrevistas, pois o roteiro faz despertar histórias dessa vinda entre alegria e saudades. É perfeitamente possível que, por meio da socialização que ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (Pollak, 1992).

A formação de amizades em um novo ambiente pode proporcionar apoio emocional e prático, facilitando a adaptação à nova vida. As amizades também podem ajudar a superar barreiras culturais e promover uma maior compreensão mútua. Muitos itiruçuenses se tornaram amigos dos italianos, à exemplo de Gerson Souza, Seu Juca Nunes, Gabriel Di Filippo e Yagil Fontoura (no caso, avô da pesquisadora) que eram amigos e ajudaram no processo de adaptação.

Segundo Hall, a teoria racial aplica uma distinção entre cultura/natureza diferentemente para grupos distintos. Há uma poderosa oposição entre civilização (branco) e a selvageria (negro). O discurso racista relaciona a representação da diferença através do corpo que se tornou o lugar discursivo do conhecimento produzido e circulado do racismo. Tipicamente o regime racista da representação foi prática de reduzir as culturas negras à natureza, uma estratégia de naturalização da diferença. Isso permitia dizer que se as diferenças entre brancos e negros são culturais são, portanto, mutáveis e instáveis. Mas se as diferenças são naturais, elas se tornam fixas, permanentes. Os traços de estereótipos raciais têm persistido durante o século XX. Em oposição às representações racializadas baseadas na diferença, nasce durante o abolicionismo uma ênfase na ideia de humanidade comum. Apesar disso, os negros ainda eram representados como suplicantes pela liberdade ou pessoas cheias de gratidão em relação à boa-vontade branca (Hall, 2016, p. 23).

A citação de Hall (2004) aborda de maneira contundente a construção social das diferenças raciais e como essas diferenças têm sido historicamente interpretadas e representadas. A distinção entre cultura e natureza, segundo Hall, revela um mecanismo de opressão que tem raízes profundas na ideologia racista. Esse processo não apenas categoriza os grupos étnicos, como legitima uma hierarquia que privilegia grupos em detrimento do ser outro. E ao afirmar que o discurso racista reduz culturas

à natureza, Hall destaca uma estratégia de desumanização que perpetua a ideia de que as diferenças raciais são inerentes e imutáveis.

Essa visão notadamente limita a possibilidade de mudança e evolução das identidades culturais, reforçando estereótipos que ainda persistem no século XXI. A naturalização da diferença racial serve para consolidar desigualdades sociais e justificar práticas discriminatórias, ao mesmo tempo em que invalida a rica diversidade cultural das populações. Esse aspecto ressalta a luta contínua por reconhecimento e igualdade dos grupos distintos, demonstrando que a mera declaração de humanidade comum com os da terra sendo um dado para pensar que a estigmatização do estrangeiro houve em escala menor do que a curiosidade e encantamento pelo diferente. Na próxima entrevista, vemos se houve tensões entre grupos (Quadro 7).

Quadro 7 – Pergunta 3: Em sua opinião houve tensões e conflitos entre italianos e itiruçuenses?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de Italianos
Narrador 1	Não, não teve nada. Foi tudo tranquilo. Nunca teve nada. Quando tinha alguma festa, estávamos todos juntos. Quando abriu o clube foi uma coisa bonita, tudo junto. Nunca houve brigas, pelo contrário, era amizade.
Narrador 2	Não. As pessoas ficaram satisfeitas, muitas arranjaram trabalho, pois nós precisávamos de gente para ajudar.
Narrador 3	Nunca houve brigas, pelo contrário, era amizade. É bonito dizer que Itiruçu recebeu os italianos.
Narrador 4	Nunca ouvi falar de nenhum conflito, porém apesar de possíveis tensões, existem muitos exemplos de convivência harmoniosa entre italianos e baianos, assim como entre outras culturas. O diálogo e a compreensão são fundamentais para superar conflitos e construir relações positivas.

Fonte: a autora (2025)

Nos trechos acima, os entrevistados falam sobre a inexistência do sentimento de tensão entre os grupos. Foram inúmeros exemplos de convivência harmoniosa e intercâmbio cultural entre italianos e baianos. O diálogo, a compreensão e a convivência são fundamentais para superar conflitos e construir relações positivas. Ainda que existissem conflitos foram superados pela convivência entre as duas comunidades, se transformando em amizade e respeito.

A intersecção de culturas resultou em um rico mosaico social, onde as tradições italianas foram incorporadas à cultura local, criando uma identidade multicultural.

Assim, mostraram que, mesmo nas diversidades, é possível encontrar caminhos para a harmonia e o respeito mútuo. Para Nora (1993):

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (Nora, 1993, p. 9).

Memória, portanto, é seletiva e muitas vezes distorcida, refletindo nossas interpretações e sentimentos mais do que a realidade objetiva. As falas destacam a capacidade da memória de transcender o tempo e o espaço, permitindo que conectemos eventos e emoções de maneiras a mostrar que as tensões foram poucas nos processos de relações sociais, étnicas, criando um mosaico de experiências que moldam nossa identidade.

Essa elasticidade da memória mostra que havia muito mais acolhimento entre os grupos distintos. Se havia diferenças, havia acolhimento como algo mágico e poderoso, permitindo que dialogassem apesar da dificuldade da língua e modo de viver. Nesta perspectiva, segundo Pollak (1992):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...]. A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (Pollak, 1992, p. 11).

Partindo da concepção do autor, é possível compreender o quanto memória e identidade cultural estão relacionadas e em profunda interação, onde as construções dos referenciais tanto de um, quanto do outro se influenciam mutuamente. Memórias que fazem menção às tensões num campo de batalha emocional e psicológico que certamente houve em grau menor, mas houve, pois são grupos distintos. Ora, o que escolhemos lembrar ou esquecer pode ser influenciado por fatores sociais, culturais e pessoais, refletindo não apenas a individualidade, mas também as dinâmicas coletivas de uma sociedade (Quadro 8).

Quadro 8 – Pergunta 3: Em sua opinião houve tensões e conflitos entre italianos e itiruçuenses?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	Em minha opinião não. Eles conviviam com todo mundo.
Narrador 2	<p>Sim. Para os itiruçuenses nada mudou. No entanto, a grande dificuldade foi para os imigrantes, que saíram de sua terra natal com destino a um mundo desconhecido. No entanto, o espírito fraterno do povo bom de nossa terra e o apoio irrestrito do Frei Hermenegildo de Castorano, fizeram com que as dificuldades fossem amenizadas. Dentre outros, podemos citar o nome de alguns cidadãos itiruçuenses, que foram verdadeiros faróis para os italianos que aqui chegaram, a exemplo de José da Silva Nunes (Juca Nunes), comerciante à época de minimercado, padaria, bebidas e outros produtos, colocou o seu estabelecimento à disposição dos colonos, abrindo crédito para todos eles. Construiu no fundo de sua casa comercial um pequeno espaço especialmente para eles, depois de tomar conhecimento de que os imigrantes gostavam de se divertir nos finais de semana, jogando cartas de baralho, "mora" ou boccia e ainda tomar o seu vinho predileto. Com isso, os imigrantes foram relacionando-se com mais frequência com os itiruçuenses e surgindo novas e sólidas amizades entre eles.</p> <p>Juca Nunes tornou-se um dos grandes amigos de todos os italianos. Outro cidadão itiruçuense que também deu uma grande ajuda para minimizar as dificuldades que os imigrantes tinham, quanto à comunicação, foi o senhor Oldack Souza, alfaiate conceituado, morador em Itiruçu há alguns anos, que se dedicou ao estudo básico do idioma italiano, comprou dicionário Italiano-Português e Português-Italiano, a fim de servir de intérprete e facilitar o entendimento a quem necessitasse tirar alguma dúvida sobre qualquer questão. O senhor Oldack deu um substancial apoio aos colonos.</p>
Narrador 3	<p>Acredito que no início houve dificuldades em relação a língua, me recorde que o senhor Juca Nunes foi muito solícito em ensinar os italianos que iam em sua venda (mercado) comprar mantimentos e lá aprendiam o português. Porém com o tempo houve uma familiarização muito grande dos italianos com os itiruçuenses.</p>
Narrador 4	Na minha opinião, os conflitos foram mais culturais, mas havia aceitabilidade por quase todos.

Fonte: a autora (2025)

Na opinião de Stuart Hall (2004), a diferença e a igualdade são conceitos interligados que desempenham papéis cruciais na formação da identidade e nas dinâmicas sociais. A diferença enriquece a experiência humana, enquanto a igualdade busca garantir que todos os indivíduos, independentemente de suas particularidades, sejam tratados com dignidade e respeito. O desafio contemporâneo reside em equilibrar essas duas dimensões, reconhecendo e celebrando a diversidade enquanto se luta por justiça e igualdade.

Nesta premissa, podemos perceber através dos relatos dos itiruçuenses que a diferença entre os grupos, referia-se a linguagem e conseqüente dificuldade de comunicação. No entanto, tal obstáculo foi sendo superado com a ajuda da comunidade, na figura de algumas pessoas que se dispuseram em ajudar como forma de facilitar e acelerar o processo de adaptação e interação entre os grupos (Quadro 9).

Quadro 9 – Pergunta 4: Quais foram os maiores desafios enfrentados pelos imigrantes quando adentraram no município de Itiruçu?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de Italianos
Narrador 1	No início era difícil a linguagem, mas aprendi a ouvir, lia jornal, se chamava cruzeiro, depois fiz uma assinatura na “Grande Hotel” e eu lia aquilo tudo, todo mês chegava um, sempre interessada a saber. Eu escutava os trabalhadores da roça e o povo da rua. Um dia o jegue sumiu no lote e eu perguntei ao trabalhador: “trovou” o jegue e ele respondeu “achei”, então pensei encontrar é achar. Eu não sofri muito porque eu tinha outra cabeça, pensava que não era todo mundo que tinha a oportunidade de conhecer outro país. Mas não é todo mundo que tinha essa cabeça, minha irmã até hoje sofre.
Narrador 2	Para mim o sentimento de saudade e a luta pela adaptação. Aqui, nós os imigrantes nos deparavam com a dualidade de pertencer a dois lugares diferentes, enfrentando o desafio de manter suas raízes culturais vivas ao mesmo tempo em que se integram à nova sociedade.
Narrador 3	A saudade foi marcante. Deixar a terra natal. As lembranças dos lugares, das festas, das tradições e até mesmo dos cheiros e sabores da infância podem se tornar ainda mais vívidas, criando um contraste com a nova realidade.
Narrador 4	Tivemos que fazer ajustes de toda ordem, como clima, maneira de vestir, falar e comer.

Fonte: a autora (2025)

A alteridade, conceito que se refere à relação entre diferentes grupos e à compreensão das identidades alheias, ganha uma profundidade especial quando se entrelaça com a experiência da saudade e o processo de reterritorialização. Para muitos, deixar sua terra natal é uma experiência carregada de emoções complexas. A saudade, sentimento que mescla nostalgia e anseio, emerge como uma ponte entre o passado e o presente, entre o eu e o outro.

Ao deixar sua terra, indivíduos e grupos não apenas se afastam fisicamente, mas se despojam de um conjunto de referências culturais, sociais e emocionais que moldaram suas identidades. A saudade que surge desse afastamento não é apenas a falta do lugar, mas a ausência das relações, dos costumes e das memórias que nos

definem. É nesse espaço de dor e perda que a alteridade se torna um importante elemento de reflexão. Ao se confrontar com a diferença em um novo ambiente, o exilado ou imigrante é convidado a olhar para si mesmo através do olhar do outro, a renegociar sua identidade e a encontrar um novo lugar no mundo. Haesbaert (1997) nos diz que:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter políticodisciplinar: a [...] ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. Historicamente, podemos encontrar desde os territórios mais tradicionais, numa relação quase biunívoca entre identidade territorial e controle sobre o espaço, de fronteiras geralmente bem definidas, até os territórios-rede modernos, muitas vezes com uma coesão/identidade cultural muito débil, simples patamar administrativo dentro de uma ampla hierarquia econômica mundialmente integrada (Haesbaert, 1997, p. 42).

A reterritorialização, por sua vez, é o processo pelo qual esses indivíduos buscam estabelecer novas raízes em um contexto diferente, muitas vezes tentando conciliar a saudade da terra que deixaram com a necessidade de se adaptar ao novo espaço que habitam pela capacidade de sentir identificação e desejo de vencer. Essa construção de um novo lar envolve a reinterpretação dos elementos da cultura de origem, que podem ser ressignificados no novo contexto. A comida, as festividades, a língua e as tradições são recontextualizadas, criando uma nova identidade híbrida que honra o passado, mas que também se abre para o futuro.

Dentro de nós há identidades contraditórias, que nos levam em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (Hall, 2004). Neste processo, a alteridade pode ser uma aliada poderosa quando ao se relacionar com outros grupos, os imigrantes tiveram a oportunidade de trocar experiências, compartilhar histórias e, assim, construir um sentido de pertencimento que vai além das fronteiras geográficas. Para Hall (2004), a convivência com a diversidade torna-se um espaço de aprendizado mútuo, onde a saudade pode ser transformada em um elo de conexão, em vez de um fardo de isolamento (Quadro 10).

Quadro 10 – Pergunta 4: Quais foram os maiores desafios enfrentados pelos imigrantes quando adentraram no município de Itiruçu?

(continua)

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	A língua.
Narrador 2	<p>Muita coisa, principalmente a dificuldade na comunicação, alguns italianos falavam muito rápido e como não entendíamos o que queriam dizer, tornava-se motivo para risadas. Por outro lado, as crianças e adolescentes italianos tinham mais facilidade em se comunicar com os seus colegas brasileiros, porque interagiam frequentemente, acabando por aprender facilmente o português.</p> <p>Os adolescentes italianos quase sempre levavam para a escola um pão caseiro feito por eles, e na hora da merenda era comum se fazer a troca com os mais diversos tipos de merenda dos outros alunos: trocavam um bom pedaço de pão com tomate, azeite e pimentão assado na chapa do fogão a lenha por frutas, sanduíches, banana real, pastel, acarajé, bolo, cuscuz e outras mais...era muito bom saborear aquele pão...</p> <p>Outro costume muito interessante, era a forma de servir o almoço: certo domingo, eu e meu irmão Adelcio, fomos convidados para almoçar na casa de um colega de sala e lá havia quatro ou cinco adolescentes para a refeição. Ao sentarmos à mesa, não vimos os pratos dispostos como vemos em nossa casa. Havia, apenas, uma única pilha com aproximadamente vinte pratos e os talheres ao lado dentro de uma vasilha. Junto, um garrafão de vinho tinto seco e uma meia dúzia de copos. Sentamos em um dos bancos que cabia três pessoas aproximadamente. Sem que soubéssemos de nada, inicialmente foi servido o vinho, o que achamos muito chique, haja vista que fora a primeira vez que participamos de um almoço diferente e de bom gosto. Em seguida, foi servida uma sopa muito gostosa com legumes naturais produzidos por eles próprios no seu lote, acompanhada com pão caseiro, feito em forno construído para essa finalidade. Os nossos colegas pediram que ficássemos à vontade, pegássemos o prato e nos servissem. Colocamos umas duas ou três conchas e saboreamos aquela sopa deliciosa. Enchemos a barriga!</p> <p>Quando menos esperávamos, recolheram os pratos usados e a sopeira e nos serviram um segundo prato: dessa vez, nhoque à bolonhesa, tudo muito gostoso, pena que naquele instante já estávamos arrependidos de ter enchido a barriga de sopa com pão...Mesmo assim, fizemos uma forcinha e conseguimos experimentar um pouco de nhoque. Como a quantidade que comemos era relativamente pequena, os colegas italianos nos perguntaram se não tínhamos gostado daquele prato, ao tempo em que respondemos, imediatamente, que estava delicioso, mas que já havíamos tomado a sopa com pão e já estávamos satisfeitos...eles sorriram, demonstrando surpresa ou não entender o que estávamos dizendo...O almoço continuou em clima de alegria e muita conversa. Eu e meu irmão, estávamos torcendo para que colocassem um ponto final e nos levantássemos da mesa para caminhar um pouquinho e fazer a digestão fora de casa. Mas, para nossa surpresa, depois que recolheram os segundos pratos e a travessa com nhoque, serviram um terceiro prato com coxinhas de galetto assado e</p>

	<p>ficamos com água na boca quando vimos aquele prato! O arrependimento de termos tomado aquela sopa aumentava a cada minuto que passava...e agora? Não podíamos deixar de comer, seria uma desfeita, afinal fomos convidados para almoçar com eles! Fizemos mais uma forcinha e lá se foram mais uma ou duas coxinhas assadas! A indagação e a preocupação por parte dos colegas italianos não paravam: parece que vocês não gostaram do frango assado? Já um pouco envergonhado, respondíamos: o frango está uma delícia, comemos dois pedaços grandes...Para nossa alegria, percebemos que a pilha de pratos que estava sobre a mesa havia acabado, e a nossa esperança de findar aquele almoço parecia real. Como das outras vezes, recolheram os terceiros pratos, juntamente com a assadeira de frango, e levaram para a cozinha. Estávamos dando graças a Deus, pois tudo parecia estar chegando ao final. Mas a nossa alegria durou pouco! eis que a irmã mais velha de meus colegas começou a repor a pilha de pratos e em um piscar de olhos surgiu em nossa frente a primeira imagem que estava gravada em nossa mente, quando nos sentamos para tomar a sopa. A alegria que antes sentíamos, começou a desaparecer, no entanto, para fechar o almoço com chave de ouro, eis que foi servido um café com leite e bolo de ovos com chocolate, ao mesmo tempo em que perguntavam: bolo de chocolate e café com leite vocês gostam, não gostam? Ao que respondíamos, afirmativamente: claro!</p> <p>Serviram o café com leite em uma xícara tamanho família, com generosas fatias de bolo. Ficávamos disfarçando para comer o bolo, e por sorte apareceu um cachorro mansinho que se deitou próximo à entrada da sala. Foi a nossa salvação! Enquanto os colegas italianos entravam na cozinha para pegar ou deixar alguma coisa, nós aproveitávamos o ensejo para dar um pedaço do nosso bolo ao cão amigo, que apareceu para nos salvar daquela situação vexatória. E, assim, aquele animal benfazejo nos deu uma substancial ajuda, tendo chegado no momento certo àquele local. Para os irmãos italianos tudo não passava de uma rotina, pois era o seu costume agir daquela forma, mas para nós brasileiros era novidade. Daquele dia em diante, aprendemos ser mais educados e comedidos. Hoje, relembro com saudades momentos tão felizes que passamos na Colônia Italiana</p>
Narrador 3	<p>A dificuldade em se comunicar pode ser um dos maiores obstáculos. Se adaptarem a uma nova cultura e entender os costumes locais pode ser desafiador demais e não deve ter sido fácil. Comportamentos que são normais em um país podem ser considerados inadequados em outro.</p>
Narrador 4	<p>A experiência da imigração é repleta de desafios e descobertas, porém acredito que um dos elementos mais marcantes é a diversidade cultural.</p>

Fonte: a autora (2025)

A alteridade entre grupos, a saudade de deixar a terra natal e o processo de reterritorialização são partes interligadas de uma experiência que envolve dor, como também esperança. Ao navegarem entre identidades e culturas, os indivíduos têm a chance de construir um novo lar que respeita e celebra a diversidade, enriquecendo não apenas suas próprias vidas, mas as comunidades que passam a integrar. Assim, a saudade, em sua essência, pode se transformar em um convite para a criação de

novas narrativas e novos laços, onde o passado e o presente coexistem de maneira harmônica e menos impactante. Hall (2004) lembra que:

Assim, ganhamos um sentimento de identidade e lealdade para com aquela nação de que fazemos parte. Como frisa Hall (2006, p.50), “uma cultura nacional é um modo de construir sentidos – um discurso – que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos” (Hall, 2004, p.12).

A troca cultural não apenas enriquece a vida dos imigrantes, como amplia seus horizontes, permitindo que eles aprendam novas línguas, hábitos e modos de ver o mundo. Os grupos estavam constantemente trocando informações, dialogando com diversos modos diferentes modos de vida e vivendo cada vez mais envolvidos em um lugar que faz interagir com uma gama de pessoas que ajudaram na reconstituição da identidade, de fato, reinventando culturas e saberes.

De acordo com as narrações, identifica-se a prevalência da família no modelo chamada por Petrini (2004) de família burguesa, onde o homem como chefe da família se dedica ao trabalho e aos negócios, com limitada participação na educação dos filhos, enquanto a mulher se ocupa da casa e dos filhos (Quadro 11).

Quadro 11 – Pergunta 5: Percebeu alguma diferença entre as famílias?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de Italianos
Narrador 1	A maior diferença para nós foi a comida. Mas no mais eram semelhantes, mulheres do lar, homens como cabeça da casa, provedor.
Narrador 2	Pra mim não teve muita diferença.
Narrador 3	O povo aqui era muito educado, trabalhador, respeitava muito a gente.
Narrador 4	A ideia/natureza dos homens era igual, dos maridos, em relação ao estudo, queria estudar mas o marido falava: “e os meninos?”.

Fonte: a autora (2025)

Sob a predominância do trabalho rural e da função econômica Pereira (2013) traduz o conceito de família enquadrado entre os imigrantes onde o propósito estaria em volta do patrimônio familiar, na medida em que sua finalidade principal era econômica, possuindo, também, grande representatividade religiosa e política, com o *pater* famílias assumindo a função de grande chefe, dotado de vários poderes. Ao

ponto que os homens iam para os lotes no ofício da agricultura e manejo de terras, as mulheres exerciam o papel de donas de casa e cuidadoras de seus filhos, tal conceito também é abordado por Sarti (2004):

[...] A casa é identificada com a mulher e a família com o homem. Casa e família, como mulher e homem, constituem um par complementar, mas hierárquico. Em consonância com a precedência do homem sobre a mulher e da família sobre a casa, o homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa. O homem corporifica a ideia de autoridade, como mediação da família com o mundo externo. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade família.

Trazendo a temática da narração de um dos participantes, onde a mulher ao despertar o desejo pelo estudo teria que seguir a responsabilidade do cuidado com a casa e os filhos, postergando seus desejos, que são historicamente são suprimidos pelo modelo tradicional, patriarcal e heteronormativo. A autora Beauvoir (2009) preceitua:

As relações conjugais, a vida caseira, a maternidade foram assim um conjunto em que todos os momentos se determinam; ternamente unida ao marido, a mulher pode assumir com alegria os encargos do lar; feliz com os filhos, será indulgente com o marido. Mas essa harmonia não é facilmente realizável porque as diferentes funções consignadas à mulher se conjugam mal entre si.

Os itiruçuenses corroboram a assertiva da influência do modelo familiar presente nos dois grupos, apesar de países diferentes, a presença da autoridade masculina atua como fator determinante da identidade familiar. Devendo-se destacar as falas da ajuda gerada pelas mulheres na venda da colheita, como forma de auxiliar no sustento (Quadro 12).

Quadro 12 – Pergunta 5: Percebeu alguma diferença entre as famílias?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	Quase não existia diferença nenhuma.
Narrador 2	Os grupos familiares eram bem distintos, entre brasileiros e italianos, como também entre eles próprios. Os maridos eram responsáveis pelo plantio e as mulheres pela venda da colheita.
Narrador 3	As famílias tinham padrões parecidos, mulheres donas do lar que cuidavam dos filhos e os homens eram os cabeças que saiam para trabalhar e prover o sustento. Algumas mulheres ajudavam os maridos nos trabalhos, outras não. A voz era do homem.
Narrador 4	Acredito que o modelo de família era semelhante, sempre vimos os maridos com a responsabilidade do trabalho e as mulheres em cuidar de suas casas e filhos.

Fonte: a autora (2025)

Percebe-se mais uma vez a grande influência da figura da mulher que, dentre todas as responsabilidades, auxilia seu marido, seja no trabalho de campo ou na venda do que foi plantado, sendo o alicerce da família, o que é enfatizado por uma das falas de Sarti (2004) ao afirmar que à mulher cabe outra importante dimensão da autoridade: manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar.

[...] ela medeia as relações entre indivíduos e coletividade, vive no seu interior e difunde ao seu redor um projeto de vida baseado na solidariedade entre as gerações e na cooperação entre os sexos, gerando formas comunitárias de vida nos diversos ambientes do cotidiano, tornando-se capaz de dar assistência, de modo continuado e eficaz, aos membros idosos, aos deficientes e aos que são, de alguma maneira, vulneráveis (Petrini, p. 25, 2004).

A família também pode ser uma fonte potencial de resiliência. Enquanto uma crise ou um estado permanente de estresse pode desestruturar algumas famílias, outras podem emergir das situações adversas, mais fortalecidas e com maiores recursos. Na verdade, a forma como cada núcleo familiar enfrenta tais desafios é decisiva para sua recuperação ou daqueles indivíduos que o integram (Silva, 2004).

No entanto, com as mudanças contemporâneas, a família tem se afastado das antigas características estabelecidas pela sociedade: matrimonializada, hierarquizada e de valorização da linhagem masculina. Valorizando a liberdade, apoio e afetividade,

como estabelece Coelho (2013), essa estrutura tem sido determinante para que homens e mulheres cresçam psicologicamente saudáveis, com autoestima e identidade.

A família hoje não tem mais seus alicerces na dependência econômica, mas muito mais na cumplicidade e na solidariedade mútua e no afeto existente entre seus membros. O ambiente familiar tornou-se um centro de realização pessoal, tendo a família essa função em detrimento dos antigos papéis econômico, político, religioso e procriacional anteriormente desempenhados pela 'instituição' (Pereira, 2011, p.193).

Stuart Hall (2004), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, discute o que é identidade e a correlaciona com a perspectiva do mundo pós-moderno. Em sua teoria, Hall considera que não há apenas uma identidade capaz de caracterizar um sujeito, mas considera que cada indivíduo possui diversas formas de se compreender como parte integrante da sociedade (aqui devemos pensar, por exemplo, aspectos como etnia, religião, raça, entre outros).

A interação entre grupos de diferentes culturas, pode trazer um enriquecimento significativo. Cada membro traz consigo suas tradições, modos de pensar e estilos de vida, o que pode gerar um espaço de aprendizado mútuo. É o que percebemos nos relatos dos italianos, onde desde a sua chegada, apesar das diferenças, foram recepcionados e uniram-se através de suas semelhanças como uma grande comunidade, entrelaçando seus costumes, tradições e saberes (Quadro 13).

Quadro 13 – Pergunta 6: Quais as diferenças entre os grupos e como vocês interagiam?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de Italianos
Narrador 1	<p>Eu acho que não tem nada de tão relevante. As tradições eram diferentes, mas depois a gente foi se adaptando também e eles gostaram muito da nossa culinária. Fomos fazendo amizade através disso, chamando para almoçar, para festa, formamos quase que uma família, um povo só.</p> <p>Na festa da Igreja de São Gabriel, a maioria é brasileiro, se não fosse essa união, seriam poucos italianos.</p> <p>O clube dos italianos, é so italiano? Não. É todo mundo junto.</p>
Narrador 2	<p>A diferença era a língua e a comida, não sabíamos o que era farinha, aqui comiam muito feijão, carne do sol e farinha.</p> <p>A terra da família D'Emídio ficava próxima a terra da família do senhor Fortunato Da Guarda, eles gostavam muito de festa, tinha tocador de sanfona, nos chamava, fazia coisas para gente comer.</p> <p>Recebemos o título de cidadãos itirucuenses, estávamos sempre juntos com a prefeitura, nas festas de Santo Antonio sempre tinha um casal italiano, todos juntos, nunca deixaram de colocar o italiano no meio.</p>
Narrador 3	<p>De pequena a gente era acostumada a trabalhar.</p> <p>Eu acho que se houve algum boato de que não poderia casar italiano com brasileira é porque as vezes os pais poderiam achar que a mulher italiana desde pequena trabalhava dentro de casa, tinha jeito para cozinha (antes, porque hoje é tudo igual), achava que as brasileiras não fossem assim, seriam mais acomodadas.</p> <p>Cultura de homem como o cabeça da casa, mulher cuidava do lar e dos filhos e os filhos ajudavam.</p> <p>Quando chegamos, eu tinha 10 anos, íamos pra escola e quando chegávamos tínhamos que ir pra roça ajudar.</p>
Narrador 4	<p>As diferenças entre os grupos podem ser observadas em diversos aspectos, como cultura, valores, crenças, interesses e formas de comunicação.</p>

Fonte: a autora (2025)

Hall (2004) explica por que a diferença importa, assim como a relevância e o funcionamento do estereótipo. Dentre outros textos sobre o tema, O espetáculo do outro é excepcional por discutir formas de contestar o estereótipo. Como explica Hall (2004):

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas[...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2004, p.13).

Desse modo, a concepção do sujeito está totalmente atrelada à nossa realidade, já que vivemos em uma sociedade em constante mudança do olhar. O olhar precede o gesto e a palavra. Muito antes de sermos capazes de coordenar nossos movimentos no espaço ou organizar o pensamento em linguagem, podemos ver um outro que nos olha e que, como um espelho, nos confirma que somos um, um inteiro no mundo.

No entanto, a mudança desse grupo de espaço, de costumes, de língua está mostra o deslocamento de identidades, mas não o abandono de velhas identidades, que por tanto tempo se desestabilizaram, mas que apesar do declínio, preservaram culturalmente suas tradições, mesmo sendo reiventadas. Um exemplo disso é a culinária, a língua que misturadas conduziram os processos de alterações. Se antes elas eram sólidas localizações identitárias, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje se encontram com fronteiras menos definidas, o que provoca no indivíduo um movimento de identidade. Nessa perspectiva, os itiruçuenses narram como perceberam essas diferenças (Quadro 14).

Quadro 14 – Pergunta 6: Quais as diferenças entre os grupos e como vocês interagiam?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	<p>Na minha época de escola, nós levávamos para o lanche cana ou banana. Eles levavam pão com óleo (azeite de oliva) e lá pediam para trocar.</p> <p>Chamavam a cana de osso e ficavam interessados nos nossos lanches. E nós trocávamos. Era um pão gostoso.</p> <p>Tanto os itiruçuenses quanto os italianos gostavam de reunião, casa cheia, regada de comida e música, que virava festa.</p>
Narrador 2	<p>As mães italianas foram se aproximando das mães brasileiras e cumprimentavam-se com mais frequência não só na feira livre, como também na Igreja.</p> <p>Podemos dizer, sem medo de errar, que Itiruçu teve dois momentos importantes em sua história: Antes e depois da Colônia Italiana.</p> <p>Nos dias atuais, passados 75 (setenta e cinco) anos de história, as duas etnias se juntaram de tal forma que se tornou impossível distinguir quem é quem. Todos agora fazem parte de uma mesma comunidade e têm um idêntico estilo de vida, possivelmente os mesmos propósitos e sentimentos.</p>
Narrador 3	<p>Íamos para a colônia e recebiam a gente muito bem, com alegria, café que parecia cappuccino. Também recebíamos muito bem. Assim fomos criando laços, relação de confiança e amizade.</p> <p>Alguns deles vinham pedir conselhos ao meu marido, consultava para decisões.</p> <p>Até hoje quando me veem na rua me tratam com o maior carinho.</p>
Narrador 4	<p>A religião e a música foram elos de interação e comunicação.</p> <p>O respeito e a curiosidade sobre as particularidades culturais promoveram interações mais profundas e significativas, permitindo que todos aprendessem e crescessem a partir das experiências compartilhadas.</p>

Fonte: a autora (2025)

De forma específica, correspondência identitária refere-se aos processos pelos quais os múltiplos referentes utilizados para a composição da identidade individual são feitos coerentes entre si (Naujorks; Silva, 2016). Os processos sociais relacionam-se com os inúmeros papéis sociais que somos convocados a desempenhar o outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza.

A cooperação entre esses dois grupos culturais pode trazer benefícios significativos, tanto econômicos quanto sociais, promovendo o desenvolvimento rural e a valorização das tradições agrícolas. Historicamente, a imigração italiana no Brasil trouxe consigo técnicas de cultivo e conhecimentos que se mesclaram com as práticas locais, resultando em uma rica diversidade agrícola. O trabalho cooperativo permitiu que pequenos agricultores, tanto italianos quanto brasileiros, compartilhassem experiências, recursos e conhecimentos. Isso não apenas fortalece a produção local,

como cria um ambiente de aprendizado mútuo, onde as inovações e as boas práticas podem ser disseminadas (Quadro 15).

Quadro 15 – Pergunta 7: Percebe o legado deixado pela relação entre esses dois grupos para a cultura de Itiruçu?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de Italianos
Narrador 1	Foi a cultura que os italianos trouxeram para Itiruçu, trazendo conhecimento, história, união e trabalho.
Narrador 2	Agricultura, comércio, ensinou muitas coisas.
Narrador 3	Agricultura em primeiro lugar, como disse, verdura não vendia, e depois quando começaram a conhecer ampliou. Alguns costumes, algumas maneiras, o lidar com a casa, a comida, massas, molhos.
Narrador 4	Acredito que principalmente a agricultura, a produção hortifrutigranjeira, a forma de trabalho. Percebemos a ampliação da região como consequência de tais atividades.

Fonte: a autora (2025)

Compreendemos que em muitas sociedades, especialmente nas rurais, a identidade está intrinsecamente ligada ao cultivo da terra e os agricultores desenvolvem um conhecimento sobre o solo, o clima e as plantas que cultivam, o que se traduz em práticas que respeitam e preservam a natureza local e para isso, os italianos contaram com ajuda da comunidade local. Essa relação não é apenas econômica; é também cultural e espiritual, pois a terra muitas vezes carrega significados simbólicos e histórias que são transmitidas de geração em geração (Quadro 16).

Quadro 16 – Pergunta 7: Percebe o legado deixado pela relação entre esses dois grupos para a cultura de Itiruçu?

Colaboradores da Pesquisa	Narração de itiruçuenses
Narrador 1	Contribuíram e ensinaram muito.
Narrador 2	Não resta dúvida que os imigrantes italianos deixaram um grande legado ao povo Itiruçuense em muitas áreas, não somente a tecnológica na plantação, colheita e distribuição de Hortifruti, como também nas áreas comercial, sociocultural, linguística e acadêmica, a exemplo de ter favorecido no crescimento do município, em consequência do impulso dado à cidade com a aquisição de tratores, o implementos agrícolas, criação de uma Cooperativa de produtos defensivos agrícolas, caminhões para o transporte da produção, carros de passeio, construção de casas residências na cidade e outras tantas coisas mais.
Narrador 3	Não conhecíamos o plantio de repolho, tomate grande (pois so conhecíamos o pequeno, chamado “cereja”), batata, couve-flor, berinjela, abobrinha. Pois a lavoura dos nossos pais era café, mamona, feijão, mandioca. Eles que trouxeram informações sobre o manejo da agricultura, o preparo da terra... A nossa maneira era diferente. Enfim, acredito que para o comércio, agricultura e financeiro.
Narrador 4	A agricultura foi outra.

Fonte: a autora (2025)

Haesbaert (1997) destaca que a distinção dos territórios se dá de “acordo com aqueles que o constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas e instituições como a Igreja”. As ações de reterritorializações variam conforme a capacidade de adaptação a grupos diferenciados, espaço, língua dentre outros aspectos.

Pelas histórias narradas percebe-se grande contribuição desses imigrantes ao trazerem técnicas de cultivo, inovando conhecimentos sobre hortifrúti, incentivando e possibilitando a mão de obra, desenvolvendo oportunidades de trabalho e consequentemente o comércio e financeiro.

De outro lado, a esperança se manifesta na determinação de transformar a terra em um espaço fértil, propício ao crescimento e à realização de sonhos. As falas, carregadas de esperança, revelam o desejo de construir um futuro para filhos crescerem em um ambiente saudável e de contribuir para a comunidade. Havia sempre uma questão a ser pensada: Foi bom vir ou se ficasse lá na Itália como estaria. Pelas entrevistas, muitos italianos estão bem mais estabilizados do que seus familiares que ficaram na Europa.

É um momento que inspira reflexão, onde cada voz se junta a um coro de otimismo e justificativa plausível para sua permanência em terras baianas. Portanto, ao receber a terra, as falas ressoam como um hino à esperança, celebrando a oportunidade de reescrever histórias e de semear novos horizontes, como um convite para olhar adiante, para acreditar que, com dedicação e amor, seria possível recomeçar apesar das diferenças.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em minhas deliberações parto de interpretações para responder a questão norteadora: como se dão os processos de alterizações e construção de identidades nas relações sociais dos grupos étnicos: itiruçuenses e italianos, tecendo algumas questões.

Os processos de alterizações e construção de identidades nas relações sociais entre itiruçuenses e italianos são complexos e multifacetados e demandam muitas reflexões. Eles envolvem uma interação contínua entre tradição e inovação, semelhanças e diferenciação, memória e esquecimento. Através do reconhecimento e valorização das diferenças, assim como da busca por um espaço comum, essas identidades podem se enriquecer mutuamente, contribuindo para uma convivência gentil e inclusiva. Essa construção coletiva não apenas fortalece a identidade de cada grupo, como promove um ambiente social diverso e coeso.

A partir dos relatos dos narradores para as temáticas apresentadas, restou evidente a semelhança entre os grupos, principalmente ao que se refere a família, princípios relacionados a união, trabalho e harmonia. Aparentemente grupos tão distintos, vindos de países e continentes diferentes, demonstram que as fronteiras muitas vezes condizem apenas com a localização territorial.

Outro fator analisado é a forma como cada grupo narra sua própria história e a memória coletiva atua como ferramenta da construção contínua de suas identidades. Os itiruçuenses podem se identificar fortemente com suas raízes locais e tradições, enquanto os italianos podem valorizar suas heranças culturais específicas. Essas narrativas, quando compartilhadas, podem gerar um senso de pertencimento e comunidade, mas também podem acentuar diferenças.

O intercâmbio cultural é refletido através da convivência entre itiruçuenses e italianos, propiciando um ambiente fértil. Elementos como a culinária, a música e as tradições festivas podem ser compartilhadas e reinterpretadas. Por exemplo, a adaptação de pratos italianos com ingredientes locais ou a fusão de ritmos musicais pode resultar em novas expressões culturais que refletem a identidade híbrida dos indivíduos envolvidos.

Foi possível evidenciar que a identidade não é algo fixo, mas um processo dinâmico que está sempre em construção e reconstrução, pois tanto itiruçuenses

quanto italianos podem até hoje experienciar movimentos em suas identidades à medida que se expõem a novas influências e realidades sociais. A partir de situações e contextos faz com que essa fluidez seja vista como uma oportunidade para a criação de novas formas de pertencimento que transcendem as categorias étnicas tradicionais.

Apesar das possibilidades de intercâmbio e construção de identidades comuns, também existem desafios étnicos culturais, raciais, linguísticos dentre outros. Conflitos podem surgir devido a estereótipos, discriminações ou a sensação de perda cultural, mas os diálogos abertos e reflexivos foram fundamentais para expressar suas preocupações e construir um entendimento mútuo.

A globalização imposta traz à tona novas complexidades nas relações étnicas, uma vez que as migrações em massa e a interconexão cultural desafiam as noções tradicionais de identidade e espaços. Contudo, a mistura de culturas pode resultar em um enriquecimento bilateral, que podem gerar conflitos quando as identidades étnicas são percebidas e ameaçadas de alguma maneira. A preservação da cultura e das tradições é frequentemente vista como um imperativo, levando a tensões entre a assimilação e a resistência de hábitos e costumes de outros.

E para enfrentar desafios postos nessa dinâmica de culturas, identidades e fronteiras, torna-se fundamental promover o diálogo intercultural e a educação sobre diversidade étnica. O reconhecimento das interconexões entre diferentes grupos étnicos pode ajudar a construir pontes, favorecendo a convivência pacífica e o respeito mútuo. Além disso, políticas inclusivas que garantam a participação equitativa de todas as etnias nas esferas sociais, políticas e econômicas são essenciais para a construção de sociedades mais justas e coesas. Em suma, a relação entre etnicidade, relações étnicas e fronteiras é uma relação complexa e multifacetada, refletindo tanto as ricas diversidades da experiência humana quanto os desafios significativos que surgem na busca por coexistência pacífica em um mundo plural.

## REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. de. **Map locator of Bahia's Itiruçu city**. 2006. CC BY-SA 3.0 Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>. via Wikimedia Commons. Acesso em: 13 dez 2024.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVARENGA, E. M. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos**. 2. ed., 2. reimpr. [versão em português: César Amarilhas]. Assunção, Paraguai: A4 Diseños, 2014.

ARRUDA, A. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BALIBAR, É. "Possessive Individualism". Reversed: From Locke to Derrida. **Constellations**, v. 9, n. 3, p. 299-317, 2002.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, P. F.; STREIFF, J. **Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. Trad. Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BARTH, F.; LASK, T. (org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 2000.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEDINI, G. F.; ARQUILLA, M. **Na toca do jaguar: história da imigração italiana nas colônias agrícolas da Bahia**. Viterbo, IT: Edizioni Sette Città, 2015.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. 5. ed., São Paulo: Edições Loyola, revista e ampliada, 2005.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo, SP: Loyola. [19--].

BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In*: BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, p. 42-62, 1981.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**, p. 329-376, 2006.

BRÊTAS, A. C. P. **Pesquisa qualitativa e o método da história oral**: aspectos conceituais. Acta Paul Enferm. p. 81-91, 2000.

CAMUS, A. **O ser estrangeiro**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

CAVALCANTI, A. de A. **Itiruçu sua história e sua gente**. Salvador: [S.e.], 2011.

CILIBERTI, A. (ed.). **La costruzione interazionale di identità**: repertori linguistici e pratiche discorsive degli italiani in Australia. FrancoAngeli, 2007.

COELHO, F. U. **Curso de direito civil**: parte geral. 6. ed., v. 1, São Paulo: Saraiva, 2013.

CUNHA, M. C. da. **Etnicidade**: da cultura residual mas irreduzível. São Paulo: Antropologia do Brasil Brasiliense, 1987.

CUNHA, M. C. da. **Antropologia do Brasil** – Mito, História e Etnicidade. São Paulo: Edusp/Brasiliense, 1986.

DE FINA, A. In: CILIBERTI, A. (org). **La costruzione interazionale di identità**: repertori linguistici e pratiche discorsive degli italiani in Australia. Materiali Linguistici Università di Pavia: FrancoAngeli s.r.l., Milano, Italy, 2007.

DIAS, M. B. **O estatuto da ética**. n. 66, Ano 11, IBDFAM, jan/fev. 2011.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias**. 9. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

DI GREGORIO, M. de F. A. **Memória coletiva**: estratégias de preservação da identidade cultural dos imigrantes italianos em Itiruçu-BA – 1950/2000. Salvador: EDUNEB, 2003.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

FRUTUOSO, M. A. **"Morram marotos!"**: antilusitanismo, projetos e identidades políticas em Rio de Contas (1822-1823)".2016.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

HAESBAERT, R. Questões sobre a (pós)modernidade. **GEOUerj**, n. 2. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia. Republicado como capítulo em HAESBAERT, R. Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, 1997.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, S. **A identidade em questão**. A identidade cultural na pós-modernidade, v. 10, 2006.

HALL, S.; CERNICCHIARO, A. C. (Trad). Etnicidade: identidade e diferença. **Crítica Cultural-Critic**, Palhoça, SC, v. 11, n. 2, p. 317-327, 2016.

HALL, S. Da Diáspora. A questão multicultural. *In*: SOVIK, L. (org.). **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a.

HALL, S. O espetáculo do “outro”. *In*: ITUASSU, A. **Cultura e representação** (org.). Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.

HALL, S. **Os signos da identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro DP&A, 2006b.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. *In*: ARRUDA, A. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. *In*: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAPA, R. S. **A alteridade como fundamento para uma teoria crítica de direitos humanos**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasil, 2017.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, 1986.

MARCELINO, B. C. A. **Dossiê Cultura em Foco** [livro eletrônico]: integração cultural latino-americana. Jaguarão: Editora CLAEC, 2017.

MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MINAYO, M. C. de; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MUNANGA, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. *In*: SPINK, M. J. P. (org.). **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

NAUJORKS, C. J.; SILVA, M. K. Correspondência identitária e engajamento. **Civitas**, v. 16, n. 1, janeiro-março, 2016.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NORONHA, M. M. S.; PARRON, S. F. A evolução do conceito de família. **Revista Pitágoras**, v. 3, n. 3, p. 1-21, 2012.

OLIVEIRA, M. E. R. G. de. RODRIGUES, L. de O. Descolonizando o feminismo: desafios para a construção do feminismo latinoamericano. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, **Anais eletrônicos [...]**, 2013.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PEREIRA, R. C. de. Princípio da afetividade. *In*: Dias, M. B. (coord.). **Diversidade sexual e direito homoafetivo**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

PEREIRA, S. M. **Entre histórias, fotografias e objetos**: imigração italiana e memórias de mulheres, 2008.

PETRINI, J. C. "A relação nupcial no contexto das mudanças familiares". **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, p. 15-34, 2004.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**, v. 16, n. 2, 1997.

POUTIGNAT, P.; STTREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

POUTIGNAT, P.; STTREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PRADO, D. **O que é família?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROLNIK, S. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. *In*: MAGALHÃES, M. C. R. (org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, p. 141-170, 1995.

ROLNIK, S. Diálogo e alteridade. **Boletim de novidades**, v. 5, p. 44, p. 35-44, 1992.

SARTI, C. A. **A família como ordem simbólica**. Psicologia: USP, p. 11-28, 2004a.

SARTI, C. A. "Algumas questões sobre família e políticas sociais", **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, p. 193-204, 2004b.

SAMARA, E. de M. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. **Revista brasileira de ciências sociais**, 2011.

SEYFERTH, G. Imigração e etnicidade no Vale do Itajaí (SC). Encontro de Geógrafos da América Latina, 10, **Anais [...]**, 2005.

SILVA, C. N. "Resiliência no indivíduo e na família". **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, p. 177-213, 2004.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**; uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

SINGLY, F. D. A Crise da Estabilidade: Como ligar indivíduos com uma identidade fluida? *In*: SINGLY, F. D. **Uns com os outros**. Lisboa: Stória Editores, 2003.

TAJFEL, H.; TURNER, J. **Uma teoria integrativa do conflito intergrupalo**. The Social Psychology of Intergroup Relations, editado por William G. August e Stephen Worchel, Brooks/Cole, 1979.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEBER, R. **Estudos sobre imigrantes e fontes orais**: identidade e diversidade. História oral. SP, 2013.

WEBER, R. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**: revista de história da UFES. Vitória, ES, v. 18, p. 236-250, 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença. *In*: SILVA, T. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

#### 1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Ana Gabriella Fontoura Leite.

ORIENTADOR/ORIENTANDO: Maria de Fátima Araújo Di Gregorio.

#### 2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

<p>2.1. TÍTULO DA PESQUISA</p> <p>Itiruçuenses e Italianos: Famílias, Identidades Étnicas e Alterizações</p>
<p>2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):</p> <p><i>Os riscos podem ser apresentados no momento das entrevistas, em que os participantes não se sintam confortáveis com perguntas que soem desagradáveis ou que revisitem sentimentos ou memórias indelicadas. Pode ocorrer ainda, que algum participante não se sinta à vontade em fornecer algum documento, como fotografias, devido a confiabilidade.</i></p>
<p>2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):</p> <p><i>Para investigar como vem sendo construídas as identidades étnicas entre os processos de alterizações das famílias de imigrantes italianos no município de Itiruçu-BA; Reconstituir a história dos imigrantes italianos em Itiruçu-BA; Compreender qual a concepção de família dos imigrantes italianos; Elucidar sobre sobre os processos de alterização entre famílias; Entender sobre as identidade étnicas nos processos interativos.</i></p>

### 3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

#### 3.1 O QUE SERÁ FEITO:

*Os participantes responderão 10 perguntas sobre os processos interativos nas relações pessoais e familiares e identidade étnica no município de Itiruçu-BA.*

#### 3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

*No município de Itiruçu-BA.*

#### 3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

*De 40min a 50 min.*

### 4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO

MODERADO

ALTO

#### 4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

*Os riscos podem ser apresentados no momento das entrevistas, em que os participantes não se sintam confortáveis com perguntas que soem desagradáveis ou que revisitem sentimentos ou memórias indelicadas. Pode ocorrer ainda, que algum participante não se sinta à vontade em fornecer algum documento, como fotografias, devido a confiabilidade.*

#### 4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

*Será mantido o caráter confidencial de todas as informações relacionadas à privacidade dos participantes, bem como a proteção de suas imagens e a utilização de pseudônimos. Cabe salientar a liberdade de participação, bem como de responder as perguntas ou fornecer documentos, podendo estes retirar o consentimento em qualquer etapa do estudo.*

## 5.0 QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

### 5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

*Esta pesquisa pretende promover o enriquecimento dos estudos sobre as famílias italianas, contribuição na repercussão social e reflexão sobre as identidades étnicas dos grupos, abrindo campo para reconhecimento e pertença de suas identidades.*

### 5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

*Irá colaborar na construção cultural da população itiruçuense, através da pesquisa social dos processos de formação da identidade étnica ressaltado pela interação desses povos e culturas através das famílias.*

## 6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

### 6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

*R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.*

### 6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

*R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

### 6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

*R: Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

### 6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

*R: Não. Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*

### 6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

*R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*

### 6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

*R: Nenhum.*

### 6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

*R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.*

<p><b>6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?</b>  <i>R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine.</i></p>
<p><b>6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?</b>  <i>R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.</i></p>
<p><b>6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?</b>  <i>R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes.</i>  <i>Todos esses documento podem ser encontrados no nosso site (www2.uesb.br/comitedeetica).</i></p>
<p><b>6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?</b>  <i>R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.</i></p>

## 7. CONTATOS IMPORTANTES:

**Pesquisador(a) Responsável: Ana Gabriella Fontoura Leite**

Endereço: *Rua Afonso de Jesus Souza, nº 80, Bairro Santo Antônio, Itiruçu-BA.*

Fone: *(73) 99162-6904* / E-mail: *gabriellafontouraadv@gmail.com*

### **Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)**

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

## **8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)**

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

- em participar do presente estudo;
- com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

## **9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

**ITIRUÇU**, 02 de dezembro de 2024.

## **APÊNDICE B**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **PROJETO - ITIRUÇUENSES E ITALIANOS: FAMÍLIAS, IDENTIDADES ÉTNICAS E ALTERIZAÇÕES**

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a análise de como vem sendo construídas as identidades étnicas nos processos de alterizações entre famílias não italianas e famílias de imigrantes italianos no município de Itiruçu-BA.

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

NOME:

IDADE:

DATA DE ENTREVISTA:

Pergunta 1- Poderia me contar um pouco sobre sua história dentro do contexto da imigração em Itiruçu?

Pergunta 2- Como foi o processo de recebimento dos imigrantes pelos itiruçuenses?

Pergunta 3- Em sua opinião houve tensões e conflitos entre italianos e itiruçuenses?

Pergunta 4- Quais foram os maiores desafios enfrentados pelos imigrantes quando adentraram no município de Itiruçu?

Pergunta 5- Percebeu alguma diferença entre as famílias?

Pergunta 6- Quais as diferenças entre os grupos e como interagem?

Pergunta 7- Percebe o legado deixado pela relação entre esses dois grupos para a cultura de Itiruçu?